

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA DE ALAGOAS
LETRAS PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
CAMPUS III - POLO PALMEIRA DOS ÍNDIOS**

VALÉRIA DE OLIVEIRA FERREIRA

**TINGUI-BOTÓ ENTRE HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÕES: AS VOZES DE UM
POVO EM FOCO**

**PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL
2025**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DE ALAGOAS
LETRAS PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
CAMPUS III - POLO PALMEIRA DOS ÍNDIOS**

VALÉRIA DE OLIVEIRA FERREIRA

**TINGUI-BOTÓ ENTRE HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÕES: AS VOZES DE UM
POVO EM FOCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, como requisito parcial para a obtenção da titulação de licenciada em Letras do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Betânia da Rocha de Oliveira.

**PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL
2025**

VALÉRIA DE OLIVEIRA FERREIRA

**TINGUI-BOTÓ ENTRE HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÕES: AS VOZES DE
UM POVO EM FOCO**

Artigo a apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 12/04/2025

Documento assinado digitalmente
 **MARIA BETÂNIA DA ROCHA DE OLIVEIRA**
Data: 02/05/2025 17:54:32-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Maria Betânia da Rocha de Oliveira
(Orientadora/Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
 **MOISÉS MONTEIRO DE MELO NETO**
Data: 03/05/2025 21:12:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Moisés Monteiro de melo Neto (1º avaliador)

Documento assinado digitalmente
 **SANÁDIA GAMA DOS SANTOS**
Data: 05/05/2025 15:56:01-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Sanádia gama dos Santos (2ª Avaliadora)

PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL
2025

Dedico este trabalho aos povos originários que, a partir das suas tradições ancestrais e da conexão profunda com a natureza, são guardiões da sabedoria e da harmonia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, nosso Criador. Ele é o responsável pela criação do mundo e de todas as coisas que nele habitam.

Aos meus familiares, amigos e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação acadêmica.

Um agradecimento especial à Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), pela oferta do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas (CLIND - AL).

Minha reverência a todos os professores, coordenadores e gestores desse tão importante Programa de Licenciatura Intercultural.

“Essa mata tem uma importância muito grande, por isso que toda vida nós lutamos pra ficar aqui e aqui nós estamos” (Dona Neném PGTA Tremembé).

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Tingui-Botó entre História, Cultura e Tradições: As Vozes de um Povo em foco* tem como objetivo analisar a trajetória histórica e cultural do povo indígena Tingui-Botó, que fixou residência no município de Feira Grande, estado de Alagoas, Brasil. A pesquisa destaca a importância do território tradicional não apenas como espaço físico, mas como elemento essencial da identidade e da cultura desse povo. Para tanto, o estudo aborda os principais marcos históricos, a preservação das práticas culturais e a adaptação das tradições diante das adversidades sociais e políticas. A fundamentação teórica partiu dos postulados de Geert (1989), Hall (2006), Mello (1982), Brandão (1986), Hobsbawm e Ranger (1997), entre outros, que tratam dos temas relacionados à história, cultura e tradições, bem como sobre os povos originários. Foi realizada uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, cujos dados foram coletados por meio de rodas de conversas com os anciões, pajé, professores, líderes comunitários, jovens e artistas. As temáticas foram organizadas em seis grupos principais: identidade e história, cultura e tradições, espiritualidade e crenças, território e sustentabilidade, educação e transmissão de conhecimentos e direitos e desafios atuais. Os resultados evidenciam a resiliência do povo Tingui-Botó que, através de suas práticas culturais, espirituais e educativas, reafirma seu lugar na sociedade contemporânea sem renunciar os seus valores ancestrais. Portanto, concluímos que a valorização da diversidade cultural indígena contribui para o fortalecimento da identidade do povo Tingui-Botó, promovendo uma sociedade mais plural e inclusiva.

Palavras-chave: Tingui-Botó. Resistência cultural. Identidade indígena. Território. Tradição.

ABSTRACT

This Final Course Work (TCC) entitled *Tingui-Botó between History, Culture and Traditions: The Voices of a People in Focus* aims to analyze the historical and cultural trajectory of the indigenous people Tingui-Botó, who settled in the state of Alagoas, Brazil. The research highlights the importance of traditional territory not only as a physical space, but as an essential element of the identity and culture of this people. To this end, the study addresses the main historical landmarks, the preservation of cultural practices and the adaptation of traditions in the face of social and political adversities. The theoretical basis was based on the postulates of Geert (1989), Hall (2006), Mello (1982), Brandão (1986), Hobsbawm and Ranger (1997), among others, which deal with themes related to history, culture and traditions, as well as the original peoples. Using a qualitative approach, data were collected through conversations with elders, shamans, teachers, community leaders, young people and artists, organized into six main themes: identity and history, culture and traditions, spirituality and beliefs, territory and sustainability, education and transmission of knowledge, and rights and current challenges. The results demonstrate the resilience of the Tingui-Botó people who, through their cultural, spiritual and educational practices, reaffirm their place in contemporary society without renouncing their ancestral values. Therefore, we conclude that valuing indigenous cultural diversity contributes to strengthening the identity of the Tingui-Botó people, promoting a more plural and inclusive society.

Keywords: Tingui-Botó, cultural resistance, indigenous identity, territory, tradition.

Lista de Figuras

Figura 1 – A aldeia.....	18
Figura 2 – Comunidade Tingui-Botó.....	18
Figura 3 – Cultura da mandioca.....	20
Figura 4 – Início do trabalho artesanal.....	20
Figura 5 – Produção do artesanato.....	20
Figura 6 – Peças artesanais.....	20
Figura 7 – Cultura agrícola ancestral.....	21
Figura 8- Cultura agrícola - novas gerações.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HISTÓRIA DO POVO TINGUI-BOTÓ: RESISTÊNCIA E LUTA PELA TERRA	11
3 CULTURA E TRADIÇÕES TINGUI-BOTÓ	15
4 VOZES TINGUI-BOTÓ: PERCEPÇÕES CULTURAIS, SOCIAIS E ESPIRITUAIS DA COMUNIDADE	22
4.1 Ouvindo o povo: caminhos para a coleta de dados	233
4.1.1 Identidade e história: memória e resistência ancestral	233
4.1.2 Cultura e tradições: manifestações artísticas e legado cultural	Erro! Indicador não definido.3
4.1.3 Espiritualidade e crenças: conexão com a natureza e papel das lideranças	Erro! Indicador não definido.
4.1.4 Território e sustentabilidade: a luta pela terra e o uso sustentável dos recursos	Erro! Indicador não definido.4
4.1.5 Educação e transmissão de conhecimentos: fortalecimento da identidade pela escola	Erro! Indicador não definido.4
4.1.6 Direitos e desafios atuais: o futuro da cultura Tinguí-Botó	Erro! Indicador não definido.5
4.2 Das vozes aos significados: uma análise crítica dos dados	255
5 CONCLUSÃO	311
REFERÊNCIAS	333

1 INTRODUÇÃO

A história do povo indígena Tingui-Botó, que fixou residência no estado de Alagoas, Brasil, é marcada por uma trajetória de resistência cultural e luta pela recuperação de seu território ancestral. Originários do grupo Kariri-Xocó, os Tingui-Botó enfrentaram, ao longo dos séculos, diversos desafios impostos pela colonização, pela exploração econômica e pela exclusão social. A formação da comunidade Tingui-Botó remonta ao século XIX, quando, liderados por José Botó Ferreira e Maria Tranquilina, remanescentes dos Kariri-Xocó, estabeleceram-se na região de Olho d'Água do Meio, especificamente em Feira Grande, buscando preservar suas práticas culturais e rituais sagrados, como o Ouricuri.

Compreendendo a importância cultural desse grupo étnico, este trabalho tem como objetivo geral analisar a trajetória histórica e cultural do povo indígena Tingui-Botó, destacando a importância do território tradicional não apenas como espaço físico, mas como componente central da identidade indígena. Para alcançar esse objetivo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: (1) Resgatar e sistematizar a história do povo Tingui-Botó, desde suas origens e processos de migração até a conquista do território atual, enfatizando a luta por reconhecimento e direitos; (2) Compreender as práticas culturais, espirituais e artísticas da comunidade, evidenciando como esses elementos fortalecem a identidade coletiva e promovem a coesão social; (3) Analisar as percepções dos membros da comunidade sobre sua realidade contemporânea, seus desafios e esperanças, com base nas rodas de conversas realizadas, dando centralidade às vozes indígenas.

A partir de uma metodologia qualitativa, foram realizadas rodas de conversas, de maneira informal, com diferentes representantes da comunidade, as quais incluíram anciões, pajé, professores, líderes comunitários, jovens e artistas. As respostas foram organizadas em seis grupos temáticos: identidade e história, cultura e tradições, espiritualidade e crenças, território e sustentabilidade, educação e transmissão de conhecimentos e direitos e desafios atuais.

A fundamentação teórica desta pesquisa baseia-se em autores que abordam a cultura e a tradição como elementos centrais na construção da identidade social, tais como: Geertz (1989), que compreende a cultura como um sistema de significados compartilhados; e Hall (2006), que destaca a cultura como processo dinâmico na formação das identidades. Para a compreensão das tradições indígenas, utilizamos as reflexões de Mello (1982) e Brandão (1986), que tratam das tradições como práticas e valores transmitidos ao longo das gerações,

bem como de Hobsbawm e Ranger (1997), cuja perspectiva contribui para entender como as tradições podem ser reinterpretadas em contextos contemporâneos.

A estrutura do trabalho está organizada em três capítulos principais, além desta introdução e da conclusão. O primeiro capítulo, intitulado *História do Povo Tingui-Botó: Resistência e Luta pela Terra*, apresenta o percurso histórico da comunidade, desde suas origens até a conquista de seu território atual. No segundo, *Cultura e Tradições Tingui-Botó*, são abordadas as práticas culturais, espirituais e artísticas que reforçam a identidade e a coesão social da comunidade. Por fim, o terceiro capítulo, *Vozes Tingui-Botó: Perspectivas Culturais, Sociais e Espirituais da Comunidade*, traz uma análise das entrevistas realizadas, evidenciando as percepções dos próprios indígenas sobre sua realidade e os desafios enfrentados na atualidade.

Ao investigar a trajetória histórica do povo Tingui-Botó, este trabalho busca contribuir para a valorização da diversidade cultural indígena no Brasil, promovendo o reconhecimento da importância das culturas tradicionais na construção de uma sociedade plural e inclusiva. Esperamos que os resultados desta pesquisa possam sensibilizar a sociedade e as instituições públicas sobre a necessidade de políticas que garantam os direitos territoriais e culturais dos povos indígenas, reforçando a resistência e a continuidade das tradições do povo Tingui-Botó.

Além de seu valor acadêmico e social, esta pesquisa possui para mim, enquanto pertencente à etnia Tingui-Botó e estudante da Licenciatura em Letras Intercultural Indígena, um significado profundamente pessoal e político. Ao percorrer a história do meu povo e registrar as vozes de nossos mais velhos, líderes e jovens, reafirmo minha identidade e meu compromisso com a preservação da memória coletiva e dos saberes ancestrais. Este trabalho nasce do chão da aldeia e carrega em si o propósito de tornar a educação um instrumento de resistência, de fortalecimento cultural e de promoção da autonomia indígena.

A Licenciatura em Letras Intercultural Indígena destaca a valorização da língua e da cultura dos povos originários, e, nesse sentido, este trabalho reflete os objetivos da formação docente intercultural: formar professores comprometidos com a realidade de suas comunidades, capazes de mediar saberes tradicionais e conhecimentos acadêmicos. Por meio desta pesquisa, busco também contribuir com práticas pedagógicas que valorizem a oralidade, a tradição, a identidade e o território como elementos estruturantes do processo educativo indígena.

Portanto, este trabalho representa não apenas um produto acadêmico, mas um ato de escuta, de reconhecimento e de retribuição ao meu povo. É uma forma de registrar nossas histórias com nossas próprias palavras, assegurando que futuras gerações tenham acesso à nossa memória, à nossa luta e à nossa visão de mundo.

2 HISTÓRIA DO POVO TINGUI-BOTÓ: RESISTÊNCIA E LUTA PELA TERRA

Esta seção apresenta um panorama sobre a origem e a história do povo Tingui-Botó, ressaltando a importância de seu legado cultural e sua resistência. Esse povo pertence ao grupo indígena da região Nordeste do Brasil, localizado no estado de Alagoas. Os Tingui-Botó são reconhecidos pela preservação de práticas culturais, língua e saberes tradicionais, que resistem à intensa pressão histórica de colonização e de exploração.

A partir dessa perspectiva, abordaremos a origem desse povo, os principais marcos de sua trajetória histórica e as resistências e adaptações culturais que marcaram sua existência ao longo dos séculos. Ao compreender a trajetória dos Tingui-Botó, é possível valorizar e apoiar suas lutas atuais e refletir sobre a importância de uma sociedade que respeite e preserve a diversidade cultural indígena.

O povo Tingui-Botó possui uma trajetória marcada pela resistência cultural e pela luta pela recuperação de seu território ancestral. Sua história está intrinsecamente ligada aos Kariri-Xocó de Porto Real do Colégio, de onde migraram em busca de melhores condições de vida e pela preservação de suas práticas culturais (Instituto Socioambiental, 2024).

A formação da comunidade Tingui-Botó remonta ao século XIX, quando remanescentes dos Kariri-Xocó, liderados por José Botó Ferreira e sua esposa Maria Tranquilina, deslocaram-se para o agreste alagoano. Estabeleceram-se no município de Feira, na região de Olho d'Água do Meio, buscando um local propício para a realização de seus rituais sagrados, como o Ouricuri, longe da interferência externa.

Os Tingui-Botó foram, por muito tempo, identificados como Xocó ou Shocó. No entanto, segundo relatos do cacique Eliziano de Campos e do pajé Adalberto Ferreira da Silva ao Instituto Socioambiental – ISA (2024), o grupo se identifica como Kariri. O nome Tingui-Botó deriva da combinação da árvore tingui, utilizada tradicionalmente na pesca e do sobrenome do líder José Botó. Essa árvore, conhecida por suas propriedades ictiotóxicas¹, simboliza a conexão profunda do povo com a natureza e com seus recursos (Silva, 2020).

Essa mudança de nomenclatura para Tingui-Botó ocorreu após a criação, pela FUNAI, do Posto Indígena Padre Alfredo Dâmaso, em Porto Real do Colégio, o que precedeu a formação da comunidade (Instituto Socioambiental, 2024).

A trajetória do povo Tingui-Botó é marcada pela resistência cultural e pela incessante

¹ Ictiotóxico é uma substância tóxica encontrada em certas plantas submersas, que tem capacidade de envenenar os peixes que dela se alimentam. Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, (2015) ISBN: 978-85-06-04024-9. Disponível in: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/>

luta pela regularização e manutenção de seu território tradicional. Atualmente, a Terra Indígena Tingui-Botó está localizada na localidade de Olho d'Água do Meio, abrangendo os municípios de Feira Grande e Campo Grande, no estado de Alagoas. Com aproximadamente 530 hectares, essa terra se encontra na região do agreste alagoano, em uma zona de transição entre os biomas Mata Atlântica e Caatinga, o que evidencia a riqueza e a diversidade ambiental da área (Antunes, 1998).

A história da conquista desse território remonta ao período dos aldeamentos jesuítas no Baixo São Francisco, ainda no século XVIII. Naquela época, os povos indígenas da região, incluindo os ancestrais dos Tingui-Botó, enfrentaram um processo de proletarianização e expropriação de suas terras. Essa situação foi agravada pela extinção oficial dos aldeamentos indígenas no estado de Alagoas, levando à perda quase total de suas áreas tradicionais (Silva, 2020).

Ao final do século XIX, os indígenas da região já haviam perdido praticamente todas as terras destinadas à prática de suas atividades culturais e de subsistência. A única exceção era 60 tarefas de mata reservadas para o ritual do Ouricuri, um espaço sagrado e de extrema importância espiritual para a comunidade (Instituto Socioambiental, 2024). Essa expropriação resultou na dispersão dos indígenas, forçando um pequeno grupo a se estabelecer na localidade de Olho d'Água do Meio, por volta do século XX. Esse movimento populacional incluiu membros das etnias Tingui-Botó, Karapotó e Kariri-Xokó, que até hoje compartilham vínculos de parentesco e tradições ritualísticas.

A luta pela regularização territorial se intensificou na década de 1970, quando os Tingui-Botó, em articulação com o movimento do povo Kariri-Xocó, buscaram o reconhecimento oficial de sua identidade indígena. Durante décadas, os Tingui-Botó foram identificados como caboclos, uma categorização que fragilizava a sua identidade indígena. Somente na década de 1980, por meio dos esforços do professor Clóvis Antunes, da Universidade Federal de Alagoas, e de lideranças locais, como o cacique Eliziano de Campos e o pajé Adalberto Ferreira da Silva, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) reconheceu oficialmente a etnia Tingui-Botó.

Esse processo foi fundamental para a mobilização política e para as reivindicações de posse de terras por direito imemorial, culminando em um movimento de luta pelo reconhecimento de seu território pelo órgão tutelar (Silva, 2020)

Nos anos seguintes, o processo de regularização da aldeia indígena Tingui-Botó avançou significativamente. A partir de 1983, a FUNAI iniciou a aquisição de terras para a comunidade, incluindo as fazendas Boacica, Olho d'Água do Meio e Ypioca, o que contribuiu para a constituição do território atual. As aquisições de 1985 e 2007 foram marcos importantes nesse

processo, fortalecendo a segurança territorial e criando melhores condições para as atividades produtivas e para a qualidade de vida da comunidade (Repórter Popular, 2019).

A cultura do povo Tingui-Botó é profundamente conectada ao ambiente natural, especialmente às matas da Caatinga. De acordo com o Boletim Informativo CGGAM n. 03 (2019), “através da história do povo Tingui-Botó, é possível identificar a importância da dimensão ambiental para a conquista e para o cuidado de seu território. A cultura desse povo resiste, no agreste alagoano, com sua relação espiritual com as matas da Caatinga”.

O ritual do Ouricuri, realizado nas áreas verdes preservadas, reforça a espiritualidade da comunidade e promove práticas de conservação ambiental. Durante o ritual, a comunidade utiliza sua língua ancestral, o Dzbokuá, perpetuando o conhecimento tradicional e assegurando a continuidade de suas práticas culturais (Brasil, 2024).

Ouricuri é um ritual secreto realizado nas matas verdes da Caatinga, preservando-se a fauna, a flora e os rios. Por essa relação com o meio ambiente, os Tingui-Botó também são membros do Comitê da Bacia do Rio São Francisco, órgão colegiado que tem por finalidade realizar a gestão descentralizada e participativa dos recursos hídricos da bacia (Boletim Informativo CGGAM n. 03, 2019).

Convém ressaltar que o ritual do Ouricuri foi um marco para as conquistas territoriais, resultando em melhores condições para suas atividades produtivas e de qualidade de vida. Além da dimensão espiritual, os Tingui-Botó demonstram um compromisso constante com a sustentabilidade por meio da agricultura tradicional.

A produção familiar de mandioca, farinha e batata-doce é realizada em um modelo de “Agricultura do Sagrado”, baseada no plantio limpo, sem o uso de agrotóxicos. A mandioca e a batata-doce são os principais cultivos, sendo o plantio realizado em mutirões comunitários conhecidos como Turma da Onça. Na minha aldeia, esses mutirões são realizados uma vez por ano e sempre nos meses de setembro, outubro e novembro. A Casa de Farinha Tingui não é apenas um espaço de produção alimentícia, mas também um lugar de encontro, onde histórias e tradições são compartilhadas entre as gerações (Antunes, 1998).

Esse modelo não apenas garante a soberania alimentar, mas também possibilita a geração de renda para a comunidade, com a comercialização dos produtos em grandes centros como Maceió e em programas governamentais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (Silva, 2020).

A gestão do território pela comunidade Tingui-Botó é orientada tanto pela preservação cultural quanto pela sustentabilidade socioeconômica. A comunidade é membro ativo do

Comitê da Bacia do Rio São Francisco, fato que contribui para a gestão participativa e descentralizada dos recursos hídricos da região (Instituto Socioambiental, 2024). Essa participação reforça o compromisso do povo indígena com a conservação ambiental e a promoção do uso consciente dos recursos naturais. O Boletim Informativo CGGAM n. 03 (2019) ressalta que

Nessa experiência de gestão do território, a cultura do povo Tingui-Botó contribuiu para a recuperação de matas verdes da Caatinga, especialmente na prática do ritual Ouricuri. A partir da própria organização social da comunidade, o território é planejado e gerido para o fortalecimento cultural nas suas práticas tradicionais e para a melhoria de sua qualidade de vida, através da geração de renda e da soberania alimentar e nutricional ligadas à produção familiar.

A citação destaca a importância da cultura do povo Tingui-Botó na gestão sustentável do território da Caatinga, e evidencia como as práticas tradicionais, especialmente o ritual Ouricuri, contribuem para a recuperação ambiental e para a preservação das matas verdes. Por meio de sua organização social própria, a comunidade alia o fortalecimento cultural com objetivos práticos, como a geração de renda e a promoção da soberania alimentar e nutricional. Essa integração entre cultura e meio ambiente demonstra como o planejamento comunitário, fundamentado em saberes ancestrais, pode promover a conservação da natureza e a melhoria da qualidade de vida por meio da produção familiar e do desenvolvimento sustentável.

Internamente, a organização social da comunidade valoriza o conhecimento dos anciãos e promove o envolvimento dos jovens em práticas tradicionais, como o reflorestamento e o manejo sustentável da “medicina verde”. Durante a pandemia de Covid-19, essa estrutura foi fundamental para a implementação de medidas sanitárias eficazes, incluindo a criação de barreiras sanitárias e a realização de campanhas educativas por meio do coletivo audiovisual Tingui Filmes (Repórter Popular, 2019).

A atuação do conselho local de saúde, em conjunto com a equipe de saúde indígena, foi essencial para a fiscalização e o cuidado com os moradores. Mais de três mil cestas básicas foram distribuídas, atendendo mais de 500 famílias, o que garantiu o acesso seguro e gratuito à alimentação durante o período de crise (Brasil, 2024).

A história do povo Tingui-Botó exemplifica uma trajetória de resistência, na qual a luta pela terra e pela preservação cultural se entrelaçam de forma indissociável. Por meio de suas práticas espirituais, agrícolas e ambientais, essa comunidade fortalece suas raízes no agreste alagoano, contribuindo para a manutenção de seu modo de vida, bem como para a conservação da biodiversidade local, conforme apresentaremos na próxima seção.

3 CULTURA E TRADIÇÕES TINGUI-BOTÓ

Neste capítulo, objetivamos apresentar uma visão mais profunda e autêntica da cultura e das tradições do povo Tinguí-Botó. A proposta é ampliar a percepção acerca da riqueza cultural desse grupo, por meio da valorização de suas vozes e contribuir para a desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade. Inicialmente, apresentaremos os conceitos de cultura e de tradição para em seguida relacionar esses conceitos ao modo de vida do povo Tinguí-Botó.

A cultura pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos, crenças, valores, normas, práticas, comportamentos, expressões artísticas e simbólicas que caracterizam um grupo social ao longo do tempo. Ela abrange tanto os aspectos materiais (como vestimentas, artefatos, arquitetura) quanto os imateriais (linguagem, costumes, crenças, rituais) e se constitui em um processo dinâmico, que é continuamente transformada pelas interações sociais e pela relação do grupo com o ambiente e com outras culturas.

Muitos estudiosos se debruçam sobre essa temática. Hall (2006), no âmbito dos estudos culturais, aborda a cultura como um processo dinâmico de construção de significados que se realiza por meio da linguagem e das mais diversas formas de representações humanas. O autor reforça a importância da cultura na formação das identidades e nas relações de poder. Geertz (1989, p. 42) traz uma perspectiva interpretativa da cultura, definindo-a como “um sistema de significados compartilhados, expresso por meio de símbolos”. Para este teórico, a cultura não é apenas um conjunto de práticas, mas uma teia de significados que guia o comportamento humano.

Quanto às concepções de tradição, ressaltamos aquelas que fazem referências às práticas, costumes, ritos e conhecimentos transmitidos de geração em geração dentro de uma comunidade. Elas são manifestações culturais que carregam significados simbólicos e históricos, que servem como um elo entre o passado, o presente e o futuro. As tradições desempenham um papel fundamental na preservação da identidade de um grupo, proporcionando estabilidade e continuidade cultural, ao mesmo tempo que permitem adaptações às novas realidades sociais.

Mello (1982) explora o conceito de tradição como práticas e valores transmitidos ao longo das gerações, especialmente em comunidades tradicionais brasileiras. Para ele, as tradições não são imutáveis, mas sim adaptáveis, uma vez que são constantemente reinterpretadas à luz das transformações sociais e culturais. Seguindo esse pensamento, Brandão (1986) aborda a tradição como parte da cultura popular, destacando o papel das histórias orais, dos rituais e das práticas cotidianas na manutenção das tradições. Ele ressalta

que as tradições ajudam a reforçar a identidade coletiva e a criar um senso de pertencimento nas comunidades brasileiras.

No contexto do povo indígena Tingui-Botó, a cultura e as tradições estão intrinsecamente conectadas. A cultura Tingui-Botó se expressa por meio de suas danças, músicas, artesanatos, práticas agrícolas e modos de convivência comunitária, as quais refletem tanto sua adaptação ao ambiente do agreste alagoano quanto sua interação com outras culturas ao longo da história.

As tradições, por sua vez, atuam como a base dessa cultura, e transmitidas principalmente pela oralidade, na qual os mais velhos compartilham histórias, ensinamentos e rituais com as gerações mais jovens. Essa transmissão ocorre em espaços coletivos, como as rodas de conversa à sombra das árvores e em muitos rituais que reforçam a identidade coletiva e a resistência cultural.

Nesse contexto, os conceitos de cultura e tradição podem ser analisados à luz dessas concepções apresentadas. Por exemplo, a interpretação de Geertz (1989) sobre cultura como um sistema de significados compartilhados pode ser aplicada à análise das práticas culturais e rituais dos Tingui-Botó, que expressam seus valores e visão de mundo.

Já a abordagem de Mello (1986) sobre tradições destaca como os rituais e a transmissão oral na comunidade Tingui-Botó fortalecem os laços sociais e preservam a identidade coletiva. Além disso, a ideia de Hobsbawm e Ranger (1997) sobre tradições e memória pode contribuir para a compreensão de como os Tingui-Botó, ao adaptar suas tradições ao contexto contemporâneo, constroem novas narrativas culturais sem perder a conexão com o passado.

Essas diferentes abordagens ajudam a oferecer uma visão mais profunda e crítica sobre a importância da cultura e das tradições na manutenção da identidade e na resistência cultural dos povos indígenas, especialmente no cenário brasileiro.

Dessa forma, ao manterem vivas suas tradições, os Tingui-Botó não preservam seu patrimônio cultural e reafirmam seu lugar na contemporaneidade, demonstrando que, embora se adaptem às novas demandas sociais e econômicas, sua essência cultural permanece intacta nas práticas e nos conhecimentos ancestrais.

Por outro lado, quando se trata da cultura e dos costumes indígenas, ainda persiste uma visão estereotipada e limitada, que associa esses povos unicamente a imagens romantizadas ou simplistas oriundas do senso comum, como indivíduos que dormem em ocas, caçam, pescam, andam nus e não falam a língua portuguesa. Essa percepção reducionista ignora a diversidade e a complexidade das culturas indígenas, reforçando preconceitos históricos que desconsideram as transformações e as adaptações dessas comunidades ao longo do tempo.

Silva (2020) destaca que, no contexto de Alagoas, o conhecimento sobre os povos indígenas, suas tradições culturais, histórias, rituais e, especialmente, a forma como a educação se organiza dentro dessas comunidades ainda é insuficiente. Muitas vezes, as informações disponíveis são fragmentadas e, em grande parte, narradas sob a perspectiva de não indígenas, o que pode distorcer ou minimizar a verdadeira essência das práticas culturais e sociais desses povos.

A história do povo indígena Tingui-Botó, em particular, vem sendo gradualmente revelada ao longo dos anos. Embora essa história já fosse contada desde a chegada de seus ancestrais ao território alagoano, é por meio das gerações mais jovens que se tem registrado e difundido sua cultura, crenças e, principalmente, suas lutas. Esse trabalho de preservação e divulgação cultural é essencial não apenas para os próprios indígenas, mas também para os não indígenas que, muitas vezes, desconhecem a continuidade e a resistência dessas culturas tradicionais na atualidade.

A falta de informação e o desconhecimento sobre as sociedades originárias frequentemente resultam em preconceito, discriminação e até mesmo em violência contra os indígenas. Muitas pessoas ainda acreditam que, por não viverem mais como nos séculos passados, os povos tradicionais não existem. Essa visão equivocada deslegitima a identidade indígena contemporânea que, embora adaptada, mantém vivas suas raízes e tradições. Nesse sentido, Souza (2012) destaca a importância das narrativas indígenas, pois, por meio delas, essas comunidades fortalecem seus lugares de fala e reafirmam suas conexões com a realidade em que vivem.

Seguindo essa mesma linha teórica, ressaltamos a concepção de Candido (1993) que, embora focado na literatura, discute a tradição como um elemento essencial na formação da cultura literária brasileira. Este pesquisador argumenta que as tradições literárias e culturais são fundamentais para criar uma identidade nacional e conectar o Brasil às suas raízes históricas e culturais. Já a visão de Ribeiro (1995) sobre a diversidade cultural pode ser utilizada para entender como a cultura Tingui-Botó se formou pela interação entre suas tradições ancestrais e o contexto social de Alagoas. DaMatta (1979) e Brandão (1986), ao abordarem as tradições e os rituais, oferecem uma base teórica para analisar como os rituais, as danças e as músicas dos Tingui-Botó reforçam sua identidade coletiva e conectam as novas gerações ao seu patrimônio cultural.

Até a década de 1980, os povos indígenas alagoanos não possuíam registros escritos produzidos por eles mesmos. Suas histórias eram transmitidas de forma oral, numa tradição em que os mais velhos compartilhavam conhecimentos e memórias com as gerações mais novas.

Esse processo de transmissão oral permanece até os dias atuais, especialmente na comunidade Tingui-Botó. Contudo, com o acesso à educação formal, alguns membros da aldeia que concluíram o Ensino Superior passaram a registrar suas histórias por escrito, contribuindo para levar a herança cultural de seu povo ao conhecimento do mundo exterior.

Essa prática reflete o orgulho da comunidade em manter suas tradições vivas e, sobretudo, em afirmar sua identidade indígena. De acordo com Amaro Hélio (2019, p. 144), “entendemos por índio aquele que se reconhece e é reconhecido como tal”. O termo “índio”, introduzido pelos europeus durante a colonização, carrega consigo uma carga pejorativa, que associa os povos nativos a estereótipos como “atrasados” ou “selvagens”. Por isso, o uso do termo “indígena” é mais adequado, pois significa “aquele que pertence ao lugar” ou “originário do lugar” (Silva, 2020).

Conforme já expressamos no primeiro capítulo, a Terra Indígena Tingui-Botó, localizada no agreste alagoano, foi regularizada a partir da década de 1970, com expansão de suas áreas conquistadas nos anos 1980 e 2007. Com aproximadamente 530 hectares, a região apresenta uma relevância ecológica particular, situando-se na transição entre os biomas da Mata Atlântica e da Caatinga. A trajetória de conquista desse território remonta aos aldeamentos jesuítas formados na região do Baixo São Francisco, como o de Porto Real do Colégio, ainda no século XVIII.

Figura 1 - A aldeia



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 2 – Comunidade Tingui-Botó



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Segundo Silva Júnior (2011), o processo de desapropriação das terras indígenas em Alagoas foi historicamente associado à tentativa de transformar esses povos em trabalhadores assalariados, especialmente após a extinção oficial dos aldeamentos pela presidência da província. Essa política ignorou os direitos indígenas à terra e promoveu a distribuição dessas

terras a terceiros, tratando-as como devolutas e desconsiderando os laços ancestrais que as comunidades indígenas mantinham com esses territórios.

A aldeia Tingui-Botó se destaca como um local de convivência harmoniosa, onde os indígenas realizam atividades coletivas e cultivam o senso de comunidade. Segundo Silva (2017, p. 67), “as pessoas conversam, cantam, dançam e se socializam” em um ambiente seguro e acolhedor, onde a violência e os delitos são praticamente inexistentes.

Em 2010, a FUNASA registrou uma população de 326 habitantes na aldeia, evidenciando um crescimento significativo ao longo das últimas décadas. Esse aumento populacional está diretamente relacionado à melhoria nas condições de vida proporcionadas pelo acesso à terra e à estabilidade gerada pela prática da agricultura de subsistência.

A organização social da aldeia reflete os princípios tradicionais do povo Tingui-Botó, visto que as tarefas e as responsabilidades são distribuídas de acordo com a organização política e espiritual. O cacique, geralmente uma pessoa do gênero masculino, exerce a liderança política, enquanto o pajé atua nos aspectos espirituais e ritualísticos.

A cultura do povo Tingui-Botó é rica em manifestações artísticas e culturais, destacando-se a música, a dança e o artesanato. De acordo com Silva (2020), os sons tradicionais desempenham um papel fundamental na manutenção da identidade indígena em Alagoas, e são utilizados tanto em cerimônias e rituais quanto no cotidiano. As danças tradicionais, por sua vez, garantem a transmissão dos saberes ancestrais para as futuras gerações, e colaboram para perpetuar a herança cultural e fortalecer o senso de pertencimento comunitário.

Além disso, o artesanato ocupa um espaço central na cultura Tingui-Botó, não apenas como fonte de renda, mas também como uma forma de expressar a memória cultural e os conhecimentos tradicionais. De acordo com Aguiar Júnior *et al.* (2019), a produção artesanal se alia à prática agrícola, como na cultura da mandioca, evidenciando o diálogo entre os saberes tradicionais e as práticas cotidianas.

Figura 3 - Cultura da mandioca



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 4 - Início do trabalho artesanal



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 5 - Produção do artesanal



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 6 - Peças artesanais



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

As festas tradicionais e os rituais espirituais do povo Tingui-Botó são momentos de reafirmação cultural e fortalecimento da espiritualidade. Ferreira (2016) destaca o ritual Ouricuri² como um exemplo significativo, momento este em que a comunidade se reúne para celebrar e fortalecer os laços sociais e espirituais. Essas práticas são fundamentais para a manutenção da identidade étnica e para o cuidado com o território, integrando cultura, espiritualidade e meio ambiente. Além disso, conforme Peixoto e Campos (2020), os rituais espirituais incluem práticas curativas que combinam conhecimentos ancestrais e cuidados com

² O Ouricuri é um ritual sagrado praticado por diversos povos indígenas do Nordeste brasileiro, entre eles os Kariri-Xocó, Tingui-Botó, Xukuru-Kariri e Pankararu. Trata-se de um momento de recolhimento espiritual e renovação dos laços comunitários, que envolve cânticos, danças, ensinamentos dos mais velhos, e práticas que reafirmam a cosmovisão e a identidade dos povos participantes. O acesso ao espaço ritual é restrito e revestido de profundo respeito, sendo vedada sua divulgação externa, o que reforça seu caráter sagrado e reservado. LIMA, Eneida Corrêa de Souza. *Kariri-Xocó: história, organização social e ritual*. Maceió: EDUFAL, 1999.

a saúde, e demonstram como a espiritualidade permeia o cotidiano da comunidade e orienta suas práticas de cura e bem-estar.

A língua e a transmissão de conhecimentos tradicionais são pilares da cultura Tingui-Botó. Luiz (2019) explora a educação escolar indígena como uma estratégia para preservar a língua ancestral e garantir que os saberes tradicionais sejam passados para as novas gerações. A educação comunitária, alinhada aos valores culturais, promove o fortalecimento da identidade e a resistência cultural frente aos desafios da modernidade.

Figura 7 - Cultura agrícola ancestral



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 8: Cultura agrícola - novas gerações



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Cornejo (2020) reflete sobre a importância do reconhecimento do patrimônio cultural imaterial, incluindo a língua e os saberes tradicionais. Ele evidencia os desafios para garantir que esses conhecimentos continuem sendo valorizados e transmitidos dentro e fora da comunidade. Nessa perspectiva, a cultura do povo Tingui-Botó revela uma profunda conexão entre identidade, espiritualidade e práticas cotidianas, evidenciando a riqueza e a resiliência de suas tradições. Por meio de suas manifestações artísticas, rituais espirituais, práticas agrícolas e educativas, essa comunidade mantém viva a sua herança cultural e reafirma seu lugar na sociedade contemporânea sem renunciar a seus valores ancestrais.

4 VOZES TINGUI-BOTÓ: PERCEPÇÕES CULTURAIS, SOCIAIS E ESPIRITUAIS DA COMUNIDADE

Este capítulo apresenta, de forma indireta, as vozes do povo Tinguí-Botó e as nossas percepções sobre essas vozes, a partir das respostas fornecidas por diferentes representantes da comunidade, incluindo anciões, pajé, professores, líderes comunitários, jovens e artistas. As respostas foram coletadas de maneira informal, por meio de rodas de conversa realizadas em **seis dias diferentes**, sempre com a participação das **mesmas pessoas indígenas**, selecionadas pela própria comunidade por sua representatividade, memória coletiva e atuação social e cultural.

A escuta dessas vozes foi orientada por seis eixos temáticos que dialogam diretamente com os objetivos desta pesquisa e com as diretrizes de uma formação intercultural: (1) identidade e história; (2) cultura e tradições; (3) espiritualidade e crenças; (4) território e sustentabilidade; (5) educação e transmissão de conhecimentos; e (6) direitos e desafios atuais. Cada temática foi explorada a partir de perguntas norteadoras, construídas com base nos saberes locais e nas necessidades de documentação da memória coletiva.

As rodas de conversa foram guiadas por **perguntas norteadoras**, elaboradas previamente para contemplar aspectos centrais da vida comunitária, com base nos objetivos da pesquisa. As perguntas foram: (1) Como vocês definem a identidade do povo Tinguí-Botó? (2) Quais tradições culturais são mais valorizadas pela comunidade? (3) Qual é o papel da espiritualidade nas práticas cotidianas da aldeia? (4) Como a comunidade se relaciona com o território e os recursos naturais? (5) De que forma o conhecimento é transmitido entre as gerações? (6) Quais os principais desafios enfrentados atualmente pela comunidade indígena? Essas perguntas organizaram o roteiro das discussões, cujos conteúdos foram agrupados

Optamos por organizar os relatos de forma indireta, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, especialmente no que se refere ao direito ao anonimato e à não exposição dos participantes. Assim, ao invés de identificar nominalmente os interlocutores, utilizamos designações genéricas como “ancião”, “jovem”, “professora” ou “liderança espiritual”, estes termos garantem o compromisso com o sigilo e a integridade das pessoas envolvidas.

Ao valorizar as vozes e os conhecimentos compartilhados pela própria comunidade, este capítulo busca contribuir para o fortalecimento das práticas de escuta, registro e devolutiva dos saberes indígenas, fundamentais para a construção de uma educação crítica, contextualizada e comprometida com os princípios da interculturalidade.

4.1 Ouvindo o povo: caminhos para a coleta de dados

4.1.1 Identidade e história: memória e resistência ancestral

No primeiro bloco das rodas de conversa, os **anciões da comunidade Tingui-Botó** evocaram lembranças marcadas pela resistência e pelo pertencimento ao território. As narrativas compartilhadas destacaram a importância histórica do pajé **José Botó**, considerado fundador da aldeia, e da simbologia da **árvore Tingui**, elementos que reforçam o vínculo ancestral da comunidade com sua terra e identidade.

As falas revelaram que o nome da aldeia carrega não apenas um legado espiritual, mas também a memória de um tempo em que o povo reconquistou o direito de viver de acordo com seus próprios costumes. A criação da aldeia foi apontada como uma vitória coletiva, pois possibilitou o resgate de práticas como a caça tradicional e o uso sustentável da terra. A **memória ancestral**, resguardada pelos mais velhos, constitui, assim, um dos pilares de sustentação da identidade Tingui-Botó, fortalecida pela oralidade e pela convivência intergeracional.

4.1.2 Cultura e tradições: manifestações artísticas e legado cultural

O segundo bloco das conversas concentrou-se nas **expressões culturais** da comunidade, com destaque para as falas de artistas locais – entre eles, artesãos, dançarinos e músicos. As manifestações como o **ritual do Toré** e as celebrações do **Dia dos Povos Indígenas** (19 de abril) foram apresentadas como momentos fundamentais para a **preservação do patrimônio imaterial** da etnia.

O **artesanato com palha**, as **músicas tradicionais**, as danças e pinturas corporais foram mencionados como formas de resistência e afirmação cultural, especialmente diante da pouca valorização da cultura indígena pela sociedade envolvente. Os participantes enfatizaram que essas expressões artísticas não são apenas representações simbólicas, mas práticas cotidianas que educam, fortalecem laços e reafirmam a identidade étnica.

4.1.3 Espiritualidade e crenças: conexão com a natureza e papel das lideranças

A espiritualidade, tema do terceiro eixo temático, foi descrita como **elemento estruturante da vida comunitária**. O **pajé**, o **cacique** e outros representantes espirituais relataram que a ligação com o mundo espiritual se manifesta tanto nos **rituais coletivos**, como

o **Ouricuri**, quanto nas práticas de cura realizadas pelos **benzedeiros** e **rezadores**.

Os relatos evidenciam que as decisões na aldeia são tomadas de forma coletiva, com forte influência das lideranças espirituais, que orientam o povo com base na sabedoria dos ancestrais e na conexão com a natureza. Mesmo com a presença de crenças exógenas³, como o catolicismo, os rituais tradicionais seguem sendo respeitados e praticados, demonstrando a **resiliência e adaptabilidade da espiritualidade indígena** diante de contextos plurais.

4.1.4 Território e sustentabilidade: a luta pela terra e o uso sustentável dos recursos

As falas deste momento da pesquisa destacaram o **valor simbólico e prático do território** tradicional para os Tingui-Botó. O uso da terra não se restringe ao cultivo de alimentos, mas envolve uma relação sagrada com o meio ambiente, onde cada espaço tem um significado histórico e espiritual.

O **manejo sustentável dos recursos**, como o uso de **plantas medicinais** (jurema, quina-quina, entre outras), é visto como herança dos antepassados, passada de geração em geração. Entretanto, os entrevistados denunciaram ameaças externas, como a expansão de fazendas e o avanço da urbanização, que colocam em risco o equilíbrio ecológico e a permanência do povo no território. A resistência frente a essas ameaças reafirma a **centralidade da terra na identidade e na sobrevivência indígena**.

4.1.5 Educação e transmissão de conhecimentos: fortalecimento da identidade pela escola

No quinto bloco temático, os **professores indígenas** enfatizaram que a **educação escolar**, quando aliada aos saberes tradicionais, pode se tornar um instrumento poderoso de resistência cultural. A **escola indígena**, ao incorporar as narrativas orais, os rituais e os conhecimentos locais, contribui para a formação de jovens conscientes de sua identidade e comprometidos com sua cultura.

A **literatura indígena**, os **projetos de leitura**, as **palestras com os anciões** e as práticas de oralidade foram citados como formas eficazes de **transmissão intergeracional de saberes**.

³ *Crenças exógenas* referem-se a sistemas de crenças ou práticas religiosas que são introduzidos em uma comunidade a partir de influências externas, ou seja, que não fazem parte da cosmologia tradicional do grupo em questão. No contexto indígena brasileiro, essas crenças geralmente estão relacionadas à chegada de religiões ocidentais, como o catolicismo e o protestantismo, que se somam — ou em alguns casos, se sobrepõem — às espiritualidades originárias. BANIWA, Gersem dos Santos. O lugar da sabedoria: saberes tradicionais e conhecimento científico na perspectiva dos povos indígenas. Brasília: UNESCO/MEC, 2006.

A escola, nesse sentido, não é apenas um espaço de reprodução de conteúdos acadêmicos, mas também de fortalecimento da **cosmovisão indígena** e de valorização da língua, da história e das práticas culturais Tingui-Botó.

4.1.6 Direitos e desafios atuais: o futuro da cultura Tingui-Botó

No último bloco, as falas de **jovens e anciões** convergiram para expressar preocupações com os **desafios contemporâneos** enfrentados pela comunidade, como a **discriminação étnica**, a **falta de políticas públicas efetivas**, e a **desvalorização das tradições** por parte de setores da sociedade envolvente.

Apesar disso, os participantes reafirmaram a **esperança no fortalecimento das lutas coletivas**. A atuação de instituições como a FUNAI, SESI e movimentos indígenas tem sido essencial para garantir visibilidade e apoio. A mensagem mais recorrente nas falas foi de **resiliência**: “Que eles não desistam de lutar e deem continuidade a todo trabalho que nossos ancestrais nos confiaram”. Ser Tingui-Botó, afirmaram, é sinônimo de **resistência, orgulho e continuidade**.

4.2 Das vozes aos significados: uma análise crítica dos dados

Após ouvir as vozes do povo Tingui-Botó, apresentamos agora uma visão geral de nossa análise construída a partir do que ouvimos. A seção *Identidade e história: memória e resistência ancestral* destaca a importância da memória coletiva e da resistência cultural na construção da identidade do povo Tingui-Botó. Por meio das vozes dos anciões, emerge uma narrativa que não apenas preserva o legado histórico, mas também reafirma a relação intrínseca entre o território e a ancestralidade. O nome da comunidade, uma homenagem ao pajé José Botó e a simbologia da árvore Tingui ilustram como a cultura se manifesta de forma concreta e simbólica, reforçando o pertencimento e a continuidade das tradições ao longo das gerações.

A cultura, entendida como o conjunto de práticas, saberes e valores compartilhados pela comunidade, revela-se na maneira como o povo Tingui-Botó transforma a memória em ação. As histórias de resistência, relatadas pelos mais velhos, não apenas resgatam o passado, mas também orientam as práticas cotidianas, como a caça e o manejo sustentável da terra. Esse movimento de ressignificação cultural demonstra a capacidade da comunidade de adaptar-se às novas realidades sem perder a essência de sua tradição.

A tradição, nesse contexto, assume um papel ativo e dinâmico. Não se trata apenas de

manter costumes antigos, mas de fortalecer a identidade indígena em um cenário marcado pela exploração, discriminação e exclusão social. A construção da aldeia como espaço de autonomia cultural e territorial é um exemplo concreto de como a tradição pode ser um instrumento de resistência. Ao recriar suas práticas culturais no próprio território, o povo Tingui-Botó perpetua seus costumes e reivindica seu lugar na sociedade contemporânea, reafirmando-se como um “povo forte” que não se envergonha de suas raízes.

A relação entre memória, cultura e tradição se torna, portanto, um eixo central na narrativa do povo Tingui-Botó. A partir das histórias transmitidas de geração em geração, a comunidade mantém viva a sua identidade e reforça o sentido de pertencimento coletivo. Mais do que preservar o passado, os ancestrais da comunidade atuam como guardiões de uma memória que projeta o futuro, inspirando as novas gerações a seguirem os passos de resistência e orgulho cultural, fundamentais para a continuidade do legado Tingui-Botó.

A partir das respostas obtidas no bloco de perguntas da seção *Cultura e tradições: manifestações artísticas e legado cultural*, observamos o papel central das práticas culturais na construção e preservação da identidade do povo Tingui-Botó. As expressões artísticas, como a dança, a música e o artesanato, não apenas fortalecem o senso de pertencimento, mas também atuam como instrumentos de resistência cultural diante dos desafios impostos pela sociedade não indígena. Essa dinâmica reflete uma cultura viva, na qual cada ritual e cada celebração, como o dia 19 de abril, torna-se uma reafirmação do legado ancestral e uma resposta às tentativas de apagamento cultural.

A cultura, entendida como o conjunto de práticas simbólicas e sociais de um povo, manifesta-se nas criações artísticas da comunidade. O artesanato em palha, por exemplo, vai além de sua funcionalidade prática; ele carrega memórias, histórias e saberes ancestrais, transmitidos de geração em geração. A música e a dança, por sua vez, conectam o presente ao passado, uma vez que resgata sonoridades e movimentos que remetem aos antepassados, reforçando a coesão social e espiritual da comunidade.

Entretanto, as dificuldades enfrentadas pelo povo Tingui-Botó, especialmente a falta de reconhecimento por parte da sociedade externa, evidenciam a necessidade de políticas e iniciativas que promovam a valorização do patrimônio imaterial indígena. A resistência cultural, nesse contexto, surge como uma resposta ativa e criativa às adversidades, haja vista que cada expressão artística se torna uma voz que clama pelo reconhecimento e pela continuidade das tradições.

A tradição, portanto, não se apresenta de forma estática. Pelo contrário, é continuamente reconstruída nas práticas culturais diárias da comunidade. Ao transformar a arte em resistência,

o povo Tingui-Botó preserva suas raízes e reescreve sua história no cenário contemporâneo, mostrando que as tradições indígenas são fundamentais para a diversidade e riqueza cultural do Brasil. O legado cultural deixado pelos artistas, dançarinos e artes da comunidade se torna, assim, uma ponte entre o passado e o futuro, garantindo que as novas gerações possam crescer conectadas às suas origens e orgulhosas de sua identidade indígena.

Quanto ao quesito *Espiritualidade e crenças: conexão com a natureza e papel das lideranças*, destacamos que a espiritualidade do povo Tingui-Botó representa um dos pilares fundamentais para a manutenção de sua cultura e tradição, refletindo uma profunda conexão com a natureza e uma organização social pautada no respeito às lideranças espirituais. Conforme evidenciado nas respostas recebidas, a prática espiritual na comunidade se materializa especialmente no ritual do Ouricuri e no dom de cura, práticas que não apenas fortalecem os laços comunitários, mas também garantem a continuidade dos saberes ancestrais.

A relação entre espiritualidade, cultura e tradição entre os Tingui-Botó pode ser compreendida pela perspectiva de que a espiritualidade não se restringe ao campo do sagrado, mas permeia o cotidiano da comunidade. O pajé e os benzedeiros, figuras centrais na orientação espiritual e política, exercem um papel de mediadores entre o mundo físico e espiritual, promovendo a cura e o bem-estar social. Essa dinâmica reflete o conceito antropológico de cultura como um sistema complexo de significados e práticas, no qual a espiritualidade funciona como uma linguagem simbólica que conecta os indivíduos à sua história e à identidade coletiva.

Além disso, a forma coletiva com que as decisões são tomadas na comunidade, por meio de reuniões que reforçam a coesão social, exemplifica como a tradição se mantém viva através da participação comunitária. A tradição, nesse contexto, vai além de um simples resgate do passado, trata-se de uma prática ativa de adaptação e resistência. Mesmo diante das influências externas, como o catolicismo, o povo Tingui-Botó demonstra uma habilidade notável de integrar novos elementos culturais sem perder a essência de sua espiritualidade indígena. Essa adaptabilidade é, na verdade, uma estratégia cultural de resiliência, na qual uma tradição não é apenas preservada, mas reinterpretada à luz das novas realidades sociais.

Portanto, a espiritualidade do povo Tingui-Botó deve ser compreendida como uma expressão viva de sua cultura e tradição. Ao mesmo tempo em que preserva os rituais sagrados e as práticas ancestrais, a comunidade também constrói novas formas de existência no mundo contemporâneo, as quais reafirmam sua identidade e reforçam o valor das lideranças espirituais como guias nesse processo contínuo de construção cultural.

A seção *Território e sustentabilidade: a luta pela terra e o uso sustentável dos recursos* destaca a profunda relação do povo Tingui-Botó com seu território, evidenciando como a terra

não é apenas um espaço físico, mas sim um componente essencial de sua cultura e identidade. Para essa comunidade, o território tradicional representa a continuidade de sua existência como povo. Este território funciona como um palco onde práticas culturais, espirituais e econômicas se entrelaçam, reforçando o senso de pertencimento e a conexão com os ancestrais.

A cultura do povo Tingui-Botó se expressa nas práticas agrícolas e no manejo sustentável dos recursos naturais. O cultivo de alimentos e o uso de plantas medicinais, como a Jurema e a quina-quina, não apenas garantem a subsistência da comunidade, mas também preservam o conhecimento ancestral. Esse saber tradicional, transmitido de geração em geração, reforça a tradição como um processo dinâmico, no qual as práticas antigas encontram novos significados no contexto atual. O uso sustentável da terra é, portanto, uma expressão da cultura Tingui-Botó, na qual a natureza é vista como um ser vivo, digna de respeito e de cuidado.

Entretanto, os desafios enfrentados pela comunidade, especialmente devido à pressão de fazendeiros e à convivência com pessoas não indígenas, ameaçam tanto o equilíbrio ecológico quanto o aspecto cultural da aldeia. Essa realidade reforça a importância da resistência cultural e, por isso, a defesa do território se torna uma defesa da própria cultura e da identidade desse povo. Para os Tingui-Botó, proteger a terra é proteger a história, as tradições e o futuro da comunidade. As lideranças indígenas desempenham um papel crucial nesse processo, pois promove a sustentabilidade como um valor fundamental.

A relação harmoniosa que o povo Tingui-Botó mantém com seu território é um exemplo concreto de como a cultura e a sustentabilidade podem caminhar juntas. A prática do manejo sustentável não é apenas uma estratégia de sobrevivência, mas também uma manifestação cultural que expressa o respeito à natureza e o compromisso com as futuras gerações. Dessa forma, a luta pela terra ultrapassa a dimensão material, uma vez que alcança uma dimensão simbólica e espiritual, na qual cada árvore, planta medicinal e rio carregam significados profundos, que conecta o presente ao passado e projeta um futuro de resistência e renovação cultural.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, as respostas obtidas no bloco de perguntas sobre *Educação e transmissão de conhecimentos: fortalecimento da identidade pela escola* evidenciam o papel transformador da educação na preservação da cultura e das tradições do povo Tingui-Botó. Para essa comunidade, a escola ultrapassa também um espaço de aprendizado formal, já que se torna um importante veículo de resistência cultural e de valorização da identidade indígena. Por meio das aulas, projetos culturais e rodas de conversa com os anciões, a educação promove o contato direto dos jovens com a língua materna e com os saberes ancestrais, fato que, além de reforçar a continuidade das tradições e fortalece o senso

de pertencimento.

A cultura, entendida como o conjunto de práticas, valores e conhecimentos transmitidos dentro da comunidade, encontra na educação um meio eficiente para se perpetuar. As estratégias adotadas, como a literatura indígena, as palestras e os encontros culturais, não apenas educam, mas também sensibilizaram os mais jovens sobre a importância de suas raízes. Ao ouvir as histórias contadas pelos mais velhos e ao participar das práticas culturais, os estudantes aprendem a valorizar e a defender sua herança cultural diante das influências externas.

Nesse sentido, a tradição não se apresenta como algo estático, mas sim como um processo contínuo de aprendizagem e adaptação. A educação fornece ferramentas aos jovens, as quais são utilizadas para a reinterpretação de suas tradições à luz do mundo contemporâneo, garantindo que o conhecimento tradicional permaneça vivo e relevante. Além disso, o ambiente escolar promove o diálogo intercultural, permitindo que o povo Tinguí-Botó conheça e compreenda melhor os códigos da sociedade não indígena, ao mesmo tempo em que fortalece sua própria identidade.

A resistência cultural, portanto, é um dos principais frutos dessa educação externa para a valorização das tradições indígenas. Em um contexto em que a modernidade, muitas vezes, tenta homogeneizar as culturas, a escola se transforma em um espaço de proteção e promoção da diversidade cultural. Os professores, ao atuarem como mediadores desse processo, tornam-se agentes de transformação social, auxiliando na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde as vozes indígenas sejam ouvidas, respeitadas e celebradas.

Dessa forma, a educação, no contexto da comunidade Tinguí-Botó, representa mais do que o acesso ao conhecimento formal, ela simboliza a continuidade da memória coletiva, o empoderamento das novas gerações e a reafirmação do indígena como um valor inestimável na construção de um futuro de resistência, orgulho e pertencimento.

A análise do último bloco *Direitos e desafios atuais: o futuro da cultura tingui-botó* apresenta uma reflexão profunda sobre as incertezas e esperanças que permeiam a comunidade indígena diante das adversidades contemporâneas. As vozes dos jovens e dos anciões revelam uma preocupação com a continuidade das tradições e da cultura Tinguí-Botó, especialmente diante da persistente discriminação e da fragilidade das políticas públicas externas aos povos originários. No entanto, a mensagem de resiliência transmitida às novas gerações demonstra a força e o compromisso da comunidade em manter viva a sua identidade cultural, mesmo frente aos desafios impostos pela sociedade não indígena.

A cultura, compreendida como um sistema de significados, práticas e valores, vê-se constantemente ameaçada pela falta de reconhecimento e apoio governamental. Para o povo

Tingui-Botó, a cultura não é apenas um patrimônio imaterial, mas uma maneira de existir e resistir. A ausência de políticas públicas efetivas se torna um obstáculo na luta pela preservação das tradições, evidenciando a importância do apoio oferecido por organizações como a FUNAI e o SESI. Essas parcerias externas, embora valiosas, não substituem a necessidade de um comprometimento mais amplo do Estado na garantia dos direitos indígenas, especialmente no que se refere à terra, à educação e à saúde.

A tradição, nesse contexto, assume um papel central na resistência cultural da comunidade. A orientação dos ancestrais para que os jovens “não desistam de lutar” reforça a continuidade de um legado histórico de luta e de perseverança. Ao transmitir essa mensagem, os mais velhos compartilham seu conhecimento e cultivam o espírito de resistência nas novas gerações. Ser Tingui-Botó, portanto, transcende uma identidade étnica, tornando-se um ato político de afirmação e defesa dos direitos indígenas.

A percepção de que “força, luta e resistência” definem o ser Tingui-Botó no mundo atual e reflete a capacidade da comunidade de reinterpretar suas tradições à luz das novas realidades. Essa adaptabilidade cultural permite que os Tingui-Botó naveguem pelas complexidades do mundo moderno sem perder o vínculo com suas raízes. A mensagem deixada para as futuras gerações não é apenas um conselho, mas um chamado à ação, o qual incentiva os jovens a se tornarem guardiões da cultura e a manterem viva a memória ancestral.

Assim, as respostas dadas evidenciam que o futuro da cultura Tingui-Botó depende diretamente da resiliência de seu povo e do reconhecimento social e institucional de sua importância para a diversidade cultural do Brasil. A luta pela preservação da identidade indígena não é apenas uma causa local, mas um movimento que reforça a pluralidade cultural do país, valorizando as vozes que, apesar de muitas vezes silenciadas pela história, continuam a ecoar força, luta e resistência.

A análise das respostas fornecidas pelos diferentes representantes do povo Tingui-Botó revela uma comunidade que, apesar das adversidades, mantém viva sua cultura, espiritualidade e tradições. As vozes indígenas expressam um legado histórico de resistência e uma esperança renovada de que as próximas gerações continuem a carregar o bastão da identidade Tingui-Botó. Ao valorizar essas perspectivas, o presente trabalho contribui para o fortalecimento da diversidade cultural no Brasil, promovendo o reconhecimento e o respeito aos direitos dos povos originários.

5 CONCLUSÃO

A trajetória histórica do povo Tingui-Botó evidencia uma comunidade que, apesar das adversidades impostas ao longo do tempo — desde a colonização até os desafios contemporâneos —, mantém viva sua cultura, espiritualidade e tradições. As vozes indígenas, colhidas nas rodas de conversa realizadas com diferentes membros da comunidade, revelam um legado de resistência que se renova a cada geração, reafirmando a identidade coletiva Tingui-Botó e a importância de manter viva a memória ancestral.

A luta pela terra, pela preservação cultural e pelo reconhecimento da identidade indígena são elementos centrais na narrativa desse povo, que ressignifica suas práticas à luz das transformações sociais, sem perder a essência de seus valores e rituais. Os resultados da pesquisa reforçam que o território tradicional não é apenas um espaço físico, mas sim um elemento estruturante da existência indígena, onde se entrelaçam práticas culturais, espirituais, educativas e econômicas. Nesse sentido, a espiritualidade, expressa de forma marcante em rituais como o Ouricuri, emerge como força que sustenta a coesão social e a relação sagrada com a natureza.

A educação, por sua vez, aparece como um caminho potente de resistência e continuidade, especialmente quando articulada à valorização da oralidade, da língua materna e dos saberes tradicionais. Nesse contexto, a **Licenciatura em Letras Intercultural Indígena** ocupa um lugar de destaque, por formar educadores comprometidos com a realidade de suas comunidades e por reconhecer a importância das práticas linguísticas e culturais indígenas na construção de um currículo plural e inclusivo.

Este trabalho, ao documentar e refletir sobre a história e a cultura do povo Tingui-Botó, também se configura como uma ação pedagógica que contribui para a construção de materiais e saberes voltados à educação escolar indígena, reafirmando o papel do professor indígena como pesquisador e sujeito político.

Para mim, enquanto pertencente à etnia Tingui-Botó e graduanda deste curso, a realização desta pesquisa representa um exercício de pertencimento, escuta e compromisso com a coletividade. Ao escrever sobre meu povo, torno-me ponte entre a academia e a aldeia, entre a tradição e a reflexão crítica, entre o passado ancestral e as possibilidades do futuro. Esta conclusão, portanto, não encerra, mas inaugura um novo ciclo de responsabilidades: devolver à comunidade os frutos desta pesquisa e seguir atuando como guardião e multiplicadora de nossas memórias, saberes e vozes.

Ressaltamos, por fim, que a valorização da diversidade cultural indígena não apenas

contribui para o fortalecimento da identidade do povo Tingui-Botó, mas também amplia a compreensão do papel fundamental que os povos tradicionais exercem na construção de uma sociedade mais justa, plural e solidária. É imprescindível que o poder público e a sociedade civil promovam políticas que assegurem os direitos territoriais, linguísticos e culturais dos povos indígenas. Os Tingui-Botó, com sua história de luta, resiliência e reinvenção, reafirmam o protagonismo indígena na construção do Brasil contemporâneo, mostrando que as tradições ancestrais seguem vivas, pulsantes e profundamente necessárias.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, José Vicente de Souza. **Narrativas sobre povos indígenas na Amazônia**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49075>. Acesso em: 4 jan. 2025.
- AGUIAR JÚNIOR, Paulo Willkasom L.; SANTOS, Rosiane dos; FONSECA, Simone Silva da; BARROS, José da Silva. Os saberes matemáticos na cultura da batata-doce na aldeia indígena Tingui-Botó/AL. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2019.
- ANTUNES, Clóvis. **Tingui-Botó: uma etnografia**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1998.
- BANIWA, Gersem dos Santos. **O lugar da sabedoria: saberes tradicionais e conhecimento científico na perspectiva dos povos indígenas**. Brasília: UNESCO/MEC, 2006.
- BOLETIM INFORMATIVO. Gestão Ambiental e Sustentabilidade nas Terras Indígenas da Caatinga – TI Tingui-Botó. **Boletim Informativo CGGAM n. 03**. FUNAI, 2019. Disponível em: gov.br.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRASIL. **Relatório de Gestão 2010**. Elaborado por Coordenação Geral de Planejamento e Avaliação CGPLA/DIREX. Brasília: Ministério da Saúde: Fundação Nacional da Saúde, 2011.
- BRASIL. **FPI visita povo Tingui-Botó: um encontro de memória, preservação e luta por direitos**. Ministério Público Federal em Alagoas, 29 de novembro de 2024. Disponível em: mpf.mp.br.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. (Original de 1959).
- CORNEJO, Joelma Farias Silva de. **O patrimônio como campo de disputa: Serra da Barriga e a fragmentação dos instrumentos de reconhecimento de bens culturais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Joelma-Versao_Final.pdf. Acesso em: 4 jan. 2025.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.
- FERREIRA, Ana Laura Loureiro. **Luta, Suor e Terra: campesinato e etnicidade nas trajetórias do povo indígena Tingui-Botó e comunidade quilombola Guaxinim (AL)**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomás Tadeu Silva e

Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terêncio (Orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povo Tingui-Botó**. Disponível em: pib.socioambiental.org. Acesso em: 26 fev. 2025.

LIMA, Eneida Corrêa de Souza. *Kariri-Xocó: história, organização social e ritual*. Maceió: EDUFAL, 1999.

LUIZ, Edvaldo. **A educação escolar indígena entre os Tingui-Botós**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2019.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Tradição e Modernidade no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1982.

PEIXOTO, José Adelson Lopes; CAMPOS, Marcelo de. Cura, cultura e identidade étnica: (re)leitura das práticas curativas dos indígenas Tingui-Botó em Alagoas. In: **Anais do I Encontro Internacional de História do Sertão**, 2020.

REPORTE POPULAR. **Saúde e resistência**: reativando o viveiro de farmácia viva do povo Tingui-Botó. Repórter Popular, 2019. Disponível em: reporterpopular.com.br

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Fernanda Andrade. **Os sons Tingui-Botó**: cultura e identidade indígena em Alagoas. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2020.

SILVA, Adriano Cabral. **Fazendo uma Etnografia Visual entre os Tingui-Botó** – (AL). Monografia. Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2017.

SILVA, Amaro Hélio Leite da. Proletarização indígena no alto sertão de Alagoas. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Índios de Alagoas**: trabalho, religião e política – Arapiraca/EDUNEAL, 2019.



Tingui-Botó entre história, cultura e tradições: as vozes de um povo em foco

Tingui-Botó between history, culture, and traditions: the voices of a people in focus

Tingui-Botó entre historia, cultura y tradiciones: las voces de un pueblo en foco

DOI: 10.55905/revconv.18n.3-232

Originals received: 2/20/2025

Acceptance for publication: 3/10/2025

Valéria de Oliveira Ferreira

Graduanda em Letras Língua Portuguesa

Instituição: Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

Endereço: Palmeira dos Índios - Alagoas, Brasil

E-mail: valeria.ferreira@alunos.uneal.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7747-7861>

Maria Betânia da Rocha de Oliveira

Doutora em Letras - Literatura

Instituição: Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

Endereço: São Miguel dos Campos-Alagoas, Brasil

E-mail: mariabetania.oliveira@uneal.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9862-2857>

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Tingui-Botó entre História, Cultura e Tradições: As Vozes de um Povo em foco* tem como objetivo analisar a trajetória histórica e cultural do povo indígena Tingui-Botó, que fixou residência no estado de Alagoas, Brasil. A pesquisa destaca a importância do território tradicional não apenas como espaço físico, mas como elemento essencial da identidade e da cultura desse povo. Para tanto, o estudo aborda os principais marcos históricos, a preservação das práticas culturais e a adaptação das tradições diante das adversidades sociais e políticas. A fundamentação teórica partiu dos postulados de Geert (1989), Hall (2006), Mello (1982), Brandão (1986), Hobsbawm e Ranger (1997), entre outros, que tratam dos temas relacionados à história, cultura e tradições, bem como sobre os povos originários. Utilizando uma abordagem qualitativa, foram coletados dados por meio de rodas de conversas com os anciões, pajé, professores, líderes comunitários, jovens e artistas, organizados em seis temas principais: identidade e história, cultura e tradições, espiritualidade e crenças, território e sustentabilidade, educação e transmissão de conhecimentos e direitos e desafios atuais. Os resultados evidenciam a resiliência do povo Tingui-Botó que, através de suas práticas culturais, espirituais e educativas, reafirma seu lugar na sociedade contemporânea sem renunciar os seus valores ancestrais. Portanto, concluímos que a valorização da diversidade cultural indígena contribui para o fortalecimento da identidade do povo Tingui-Botó, promovendo uma sociedade mais plural e inclusiva.



Palavras-chave: Tingui-Botó, resistência cultural, identidade indígena, território, tradição.

ABSTRACT

This Final Course Work (TCC) entitled Tingui-Botó between History, Culture and Traditions: The Voices of a People in Focus aims to analyze the historical and cultural trajectory of the indigenous people Tingui-Botó, who settled in the state of Alagoas, Brazil. The research highlights the importance of traditional territory not only as a physical space, but as an essential element of the identity and culture of this people. To this end, the study addresses the main historical landmarks, the preservation of cultural practices and the adaptation of traditions in the face of social and political adversities. The theoretical basis was based on the postulates of Geert (1989), Hall (2006), Mello (1982), Brandão (1986), Hobsbawm and Ranger (1997), among others, which deal with themes related to history, culture and traditions, as well as the original peoples. Using a qualitative approach, data were collected through conversations with elders, shamans, teachers, community leaders, young people and artists, organized into six main themes: identity and history, culture and traditions, spirituality and beliefs, territory and sustainability, education and transmission of knowledge, and rights and current challenges. The results demonstrate the resilience of the Tingui-Botó people who, through their cultural, spiritual and educational practices, reaffirm their place in contemporary society without renouncing their ancestral values. Therefore, we conclude that valuing indigenous cultural diversity contributes to strengthening the identity of the Tingui-Botó people, promoting a more plural and inclusive society.

Keywords: Tingui-Botó, cultural resistance, indigenous identity, territory, tradition.

RESUMEN

Este Trabajo de Fin de Grado titulado Tingui-Botó entre Historia, Cultura y Tradiciones: Las Voces de un Pueblo en Foco pretende analizar la trayectoria histórica y cultural del pueblo indígena Tingui-Botó, asentado en el estado de Alagoas, Brasil. La investigación destaca la importancia del territorio tradicional no sólo como espacio físico, sino como elemento esencial de la identidad y la cultura de este pueblo. Para ello, el estudio aborda los principales hitos históricos, la preservación de las prácticas culturales y la adaptación de las tradiciones frente a las adversidades sociales y políticas. La base teórica se fundamenta en los postulados de Geert (1989), Hall (2006), Mello (1982), Brandão (1986), Hobsbawm y Ranger (1997), entre otros, que abordan temas relacionados con la historia, la cultura y las tradiciones, así como con los pueblos indígenas. Utilizando un enfoque cualitativo, se recogieron datos a través de conversaciones con ancianos, chamanes, maestros, líderes comunitarios, jóvenes y artistas, organizados en seis temas principales: identidad e historia, cultura y tradiciones, espiritualidad y creencias, territorio y sostenibilidad, educación y transmisión de conocimientos, y derechos y desafíos actuales. Los resultados muestran la resiliencia del pueblo Tingui-Botó que, a través de sus prácticas culturales, espirituales y educativas, reafirma su lugar en la sociedad contemporánea sin renunciar a sus valores ancestrales. Por lo tanto, concluimos que la valorización de la diversidad cultural indígena contribuye al fortalecimiento de la identidad del pueblo Tingui-Botó, promoviendo una sociedad más plural e inclusiva.

Palabras clave: Tingui-Botó, resistencia cultural, identidad indígena, territorio, tradición.



1 INTRODUÇÃO

A história do povo indígena Tingui-Botó, que fixou residência no estado de Alagoas, Brasil, é marcada por uma trajetória de resistência cultural e luta pela recuperação de seu território ancestral. Originários do grupo Kariri-Xocó, os Tingui-Botó enfrentaram, ao longo dos séculos, diversos desafios impostos pela colonização, pela exploração econômica e pela exclusão social. A formação da comunidade Tingui-Botó remonta ao século XIX, quando, liderados por José Botó Ferreira e Maria Tranquilina, remanescentes dos Kariri-Xocó, estabeleceram-se na região de Olho d'Água do Meio, buscando preservar suas práticas culturais e rituais sagrados, como o Ouricuri.

Compreendendo a importância cultural deste grupo étnico, este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória histórica e cultural do povo indígena Tingui-Botó, destacando a importância do território tradicional não apenas como espaço físico, mas como componente central da identidade indígena. A partir de uma metodologia qualitativa, foram realizadas rodas de conversas, de maneira informal, com diferentes representantes da comunidade, as quais incluíram anciões, pajé, professores, líderes comunitários, jovens e artistas. As respostas foram organizadas em seis grupos temáticos: identidade e história, cultura e tradições, espiritualidade e crenças, território e sustentabilidade, educação e transmissão de conhecimentos e direitos e desafios atuais.

A fundamentação teórica desta pesquisa baseia-se em autores que abordam a cultura e a tradição como elementos centrais na construção da identidade social, tais como: Geertz (1989), que compreende a cultura como um sistema de significados compartilhados; e Hall (2006), que destaca a cultura como processo dinâmico na formação das identidades. Para a compreensão das tradições indígenas, utilizamos as reflexões de Mello (1982) e Brandão (1986), que tratam das tradições como práticas e valores transmitidos ao longo das gerações, bem como de Hobsbawm e Ranger (1997), cuja perspectiva contribui para entender como as tradições podem ser reinterpretadas em contextos contemporâneos.

A estrutura do trabalho está organizada em três seções principais, além desta introdução e da conclusão. A primeira seção intitulada "*História do Povo Tingui-Botó: Resistência e Luta pela Terra*" apresenta o percurso histórico da comunidade, desde suas origens até a conquista de seu território atual. Na segunda, "*Cultura e Tradições Tingui-Botó*", são abordadas as práticas



culturais, espirituais e artísticas que reforçam a identidade e a coesão social da comunidade. Por fim, a terceira seção, *"Vozes Tingui-Botó: Perspectivas Culturais, Sociais e Espirituais da Comunidade"*, traz uma análise das entrevistas realizadas, evidenciando as percepções dos próprios indígenas sobre sua realidade e os desafios enfrentados na atualidade.

Ao investigar a trajetória histórica do povo Tingui-Botó, este trabalho busca contribuir para a valorização da diversidade cultural indígena no Brasil, promovendo o reconhecimento da importância das culturas tradicionais na construção de uma sociedade plural e inclusiva. Esperamos que os resultados desta pesquisa possam sensibilizar a sociedade e as instituições públicas sobre a necessidade de políticas que garantam os direitos territoriais e culturais dos povos indígenas, reforçando a resistência e a continuidade das tradições do povo Tingui-Botó.

2 HISTÓRIA DO POVO TINGUI-BOTÓ: RESISTÊNCIA E LUTA PELA TERRA

Esta seção apresenta um panorama sobre a origem e a história do povo Tingui-Botó, ressaltando a importância de seu legado cultural e sua resistência. Esse povo é pertence ao grupo indígena da região Nordeste do Brasil, localizado no estado de Alagoas. Os Tingui-Botó são reconhecidos pela preservação de práticas culturais, língua e saberes tradicionais, que resistem à intensa pressão histórica de colonização e de exploração.

A partir dessa perspectiva, abordaremos a origem desse povo, os principais marcos de sua trajetória histórica e as resistências e adaptações culturais que marcaram sua existência ao longo dos séculos. Ao compreender a trajetória dos Tingui-Botó, é possível valorizar e apoiar suas lutas atuais e refletir sobre a importância de uma sociedade que respeite e preserve a diversidade cultural indígena.

O povo Tingui-Botó possui uma trajetória marcada pela resistência cultural e pela luta pela recuperação de seu território ancestral. Sua história está intrinsecamente ligada aos Kariri-Xocó de Porto Real do Colégio, de onde migraram em busca de melhores condições de vida e pela preservação de suas práticas culturais (Instituto Socioambiental, 2024).

A formação da comunidade Tingui-Botó remonta ao século XIX, quando remanescentes dos Kariri-Xocó, liderados por José Botó Ferreira e sua esposa Maria Tranquilina, deslocaram-se para o agreste alagoano. Estabeleceram-se na região de Olho d'Água do Meio, buscando um



local propício para a realização de seus rituais sagrados, como o Ouricuri, longe da interferência externa.

Os Tingui-Botó foram, por muito tempo, identificados como Xocó ou Shocó. No entanto, segundo relatos do cacique Eliziano de Campos e do pajé Adalberto Ferreira da Silva ao Instituto Socioambiental – ISA (2024), o grupo se identifica como Kariri. O nome Tingui-Botó deriva da combinação da árvore tingui, utilizada tradicionalmente na pesca e do sobrenome do líder José Botó. Essa árvore, conhecida por suas propriedades ictiotóxicas¹, simboliza a conexão profunda do povo com a natureza e com seus recursos (Silva, 2020).

Essa mudança de nomenclatura para Tingui-Botó ocorreu após a criação, pela FUNAI, do Posto Indígena Padre Alfredo Dâmaso, em Porto Real do Colégio, o que precedeu a formação da comunidade (Instituto Socioambiental, 2024).

A trajetória do povo Tingui-Botó é marcada pela resistência cultural e pela incessante luta pela regularização e manutenção de seu território tradicional. Atualmente, a Terra Indígena Tingui-Botó está localizada na localidade de Olho d'Água do Meio, abrangendo os municípios de Feira Grande e Campo Grande, no estado de Alagoas. Com aproximadamente 530 hectares, essa terra se encontra na região do agreste alagoano, em uma zona de transição entre os biomas Mata Atlântica e Caatinga, o que evidencia a riqueza e a diversidade ambiental da área (Antunes, 1998).

A história da conquista desse território remonta ao período dos aldeamentos jesuítas no Baixo São Francisco, ainda no século XVIII. Naquela época, os povos indígenas da região, incluindo os ancestrais dos Tingui-Botó, enfrentaram um processo de proletarização e expropriação de suas terras. Essa situação foi agravada pela extinção oficial dos aldeamentos indígenas no estado de Alagoas, levando à perda quase total de suas áreas tradicionais (Silva, 2020).

Ao final do século XIX, os indígenas da região já haviam perdido praticamente todas as terras destinadas à prática de suas atividades culturais e de subsistência. A única exceção era 60 tarefas de mata reservadas para o ritual do Ouricuri, um espaço sagrado e de extrema importância espiritual para a comunidade (Instituto Socioambiental, 2024). Essa expropriação resultou na dispersão dos indígenas, forçando um pequeno grupo a se estabelecer na localidade de Olho

¹ Ictiotóxico é uma substância tóxica encontrada em certas plantas submersas, que tem capacidade de envenenar os peixes que dela se alimentam. Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, (2015) ISBN: 978-85-06-04024-9. Disponível in: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/>



d'Água do Meio, por volta do século XX. Esse movimento populacional incluiu membros das etnias Tingui-Botó, Karapotó e Kariri-Xokó, que até hoje compartilham vínculos de parentesco e tradições ritualísticas.

A luta pela regularização territorial se intensificou na década de 1970, quando os Tingui-Botó, em articulação com o movimento do povo Kariri-Xocó, buscaram o reconhecimento oficial de sua identidade indígena. Durante décadas, os Tingui-Botó foram identificados como caboclos, uma categorização que fragilizava a sua identidade indígena. Somente na década de 1980, por meio dos esforços do professor Clóvis Antunes, da Universidade Federal de Alagoas, e de lideranças locais, como o cacique Eliziano de Campos e o pajé Adalberto Ferreira da Silva, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) reconheceu oficialmente a etnia Tingui-Botó.

Esse processo foi fundamental para a mobilização política e para as reivindicações de posse de terras por direito imemorial, culminando em um movimento de luta pelo reconhecimento de seu território pelo órgão tutelar (Silva, 2020)

Nos anos seguintes, o processo de regularização da aldeia indígena Tingui-Botó avançou significativamente. A partir de 1983, a FUNAI iniciou a aquisição de terras para a comunidade, incluindo as fazendas Boacica, Olho d'Água do Meio e Ypioca, o que contribuiu para a constituição do território atual. As aquisições de 1985 e 2007 foram marcos importantes nesse processo, fortalecendo a segurança territorial e criando melhores condições para as atividades produtivas e para a qualidade de vida da comunidade (Repórter Popular, 2019).

A cultura do povo Tingui-Botó é profundamente conectada ao ambiente natural, especialmente às matas da Caatinga. De acordo com o Boletim Informativo CGGAM n. 03 (2019), “através da história do povo Tingui-Botó, é possível identificar a importância da dimensão ambiental para a conquista e para o cuidado de seu território. A cultura desse povo resiste, no agreste alagoano, com sua relação espiritual com as matas da Caatinga”.

O ritual do Ouricuri, realizado nas áreas verdes preservadas, reforça a espiritualidade da comunidade e promove práticas de conservação ambiental. Durante o ritual, a comunidade utiliza sua língua ancestral, o Dzbokuá, perpetuando o conhecimento tradicional e assegurando a continuidade de suas práticas culturais (Brasil, 2024).

Ouricuri é um ritual secreto realizado nas matas verdes da Caatinga, preservando-se a fauna, a flora e os rios. Por essa relação com o meio ambiente, os Tingui-Botó também são membros do Comitê da Bacia do Rio São Francisco, órgão colegiado que tem por



finalidade realizar a gestão descentralizada e participativa dos recursos hídricos da bacia (Boletim Informativo CGGAM n. 03, 2019).

Convém ressaltar que o ritual do Ouricuri foi um marco para as conquistas territoriais, resultando em melhores condições para suas atividades produtivas e de qualidade de vida. Além da dimensão espiritual, os Tingui-Botó demonstram um compromisso constante com a sustentabilidade por meio da agricultura tradicional.

A produção familiar de mandioca, farinha e batata-doce é realizada em um modelo de “Agricultura do Sagrado”, baseada no plantio limpo, sem o uso de agrotóxicos. A mandioca e a batata-doce são os principais cultivos, sendo o plantio realizado em mutirões comunitários conhecidos como Turma da Onça. A Casa de Farinha Tingui não é apenas um espaço de produção alimentícia, mas também um lugar de encontro, onde histórias e tradições são compartilhadas entre as gerações (Antunes, 1998).

Esse modelo não apenas garante a soberania alimentar, mas também possibilita a geração de renda para a comunidade, com a comercialização dos produtos em grandes centros como Maceió e em programas governamentais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (Silva, 2020).

A gestão do território pela comunidade Tingui-Botó é orientada tanto pela preservação cultural quanto pela sustentabilidade socioeconômica. A comunidade é membro ativo do Comitê da Bacia do Rio São Francisco, contribuindo para a gestão participativa e descentralizada dos recursos hídricos da região (Instituto Socioambiental, 2024). Essa participação reforça o compromisso do povo indígena com a conservação ambiental e a promoção do uso consciente dos recursos naturais. O Boletim Informativo CGGAM n. 03 (2019) ressalta que

Nessa experiência de gestão do território, a cultura do povo Tingui-Botó contribuiu para a recuperação de matas verdes da Caatinga, especialmente na prática do ritual Ouricuri. A partir da própria organização social da comunidade, o território é planejado e gerido para o fortalecimento cultural nas suas práticas tradicionais e para a melhoria de sua qualidade de vida, através da geração de renda e da soberania alimentar e nutricional ligadas à produção familiar.

A citação destaca a importância da cultura do povo Tingui-Botó na gestão sustentável do território da Caatinga, evidenciando como as práticas tradicionais, especialmente o ritual Ouricuri, contribuem para a recuperação ambiental e para a preservação das matas verdes. Por meio de sua organização social própria, a comunidade alia o fortalecimento cultural com



objetivos práticos, como a geração de renda e a promoção da soberania alimentar e nutricional. Essa integração entre cultura e meio ambiente demonstra como o planejamento comunitário, fundamentado em saberes ancestrais, pode promover a conservação da natureza e a melhoria da qualidade de vida por meio da produção familiar e do desenvolvimento sustentável.

Internamente, a organização social da comunidade valoriza o conhecimento dos anciãos e promove o envolvimento dos jovens em práticas tradicionais, como o reflorestamento e o manejo sustentável da “medicina verde”. Durante a pandemia de Covid-19, essa estrutura foi fundamental para a implementação de medidas sanitárias eficazes, incluindo a criação de barreiras sanitárias e a realização de campanhas educativas por meio do coletivo audiovisual Tingui Filmes (Repórter Popular, 2019).

A atuação do conselho local de saúde, em conjunto com a equipe de saúde indígena, foi essencial para a fiscalização e o cuidado com os moradores. Mais de três mil cestas básicas foram distribuídas, atendendo mais de 500 famílias, o que garantiu o acesso seguro e gratuito à alimentação durante o período de crise (Brasil, 2024).

A história do povo Tingui-Botó exemplifica uma trajetória de resistência, na qual a luta pela terra e pela preservação cultural se entrelaçam de forma indissociável. Por meio de suas práticas espirituais, agrícolas e ambientais, essa comunidade fortalece suas raízes no agreste alagoano, contribuindo para a manutenção de seu modo de vida, bem como para a conservação da biodiversidade local, conforme apresentaremos na próxima seção.

3 CULTURA E TRADIÇÕES TINGUI-BOTÓ

Nesta seção, objetivamos apresentar uma visão mais profunda e autêntica da cultura e das tradições do povo Tingui-Botó. A proposta é ampliar a percepção acerca da riqueza cultural desse grupo, por meio da valorização de suas vozes e contribuir para a desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade. Inicialmente, apresentaremos os conceitos de cultura e de tradição para em seguida relacionar esses conceitos ao modo de vida do povo Tingui-Botó.

A cultura pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos, crenças, valores, normas, práticas, comportamentos, expressões artísticas e simbólicas que caracterizam um grupo social ao longo do tempo. Ela abrange tanto os aspectos materiais (como vestimentas, artefatos, arquitetura) quanto os imateriais (linguagem, costumes, crenças, rituais) e se constitui em um



processo dinâmico, sendo continuamente transformada pelas interações sociais e pela relação do grupo com o ambiente e com outras culturas.

Muitos estudiosos se debruçam sobre essa temática. Hall (2006), no âmbito dos estudos culturais, aborda a cultura como um processo dinâmico de construção de significados que se realiza por meio da linguagem e das mais diversas formas de representações humanas. O autor reforça a importância da cultura na formação das identidades e nas relações de poder. Geertz (1989, p. 42) traz uma perspectiva interpretativa da cultura, definindo-a como “um sistema de significados compartilhados, expresso por meio de símbolos”. Para este teórico, a cultura não é apenas um conjunto de práticas, mas uma teia de significados que guia o comportamento humano.

Quanto às concepções de tradição, ressaltamos aquelas que fazem referências às práticas, costumes, ritos e conhecimentos transmitidos de geração em geração dentro de uma comunidade. Elas são manifestações culturais que carregam significados simbólicos e históricos, servindo como um elo entre o passado, o presente e o futuro. As tradições desempenham um papel fundamental na preservação da identidade de um grupo, proporcionando estabilidade e continuidade cultural, ao mesmo tempo que permitem adaptações às novas realidades sociais.

Mello (1982) explora o conceito de tradição como práticas e valores transmitidos ao longo das gerações, especialmente em comunidades tradicionais brasileiras. Para ele, as tradições não são imutáveis, mas sim adaptáveis, sendo constantemente reinterpretadas à luz das transformações sociais e culturais. Seguindo esse pensamento, Brandão (1986) aborda a tradição como parte da cultura popular, destacando o papel das histórias orais, dos rituais e das práticas cotidianas na manutenção das tradições. Ele ressalta como as tradições ajudam a reforçar a identidade coletiva e a criar um senso de pertencimento nas comunidades brasileiras.

No contexto do povo indígena Tingui-Botó, a cultura e as tradições estão intrinsecamente conectadas. A cultura Tingui-Botó se expressa por meio de suas danças, músicas, artesanatos, práticas agrícolas e modos de convivência comunitária, refletindo tanto sua adaptação ao ambiente do agreste alagoano quanto sua interação com outras culturas ao longo da história.

As tradições, por sua vez, atuam como a base dessa cultura, sendo transmitidas principalmente pela oralidade, na qual os mais velhos compartilham histórias, ensinamentos e rituais com as gerações mais jovens. Essa transmissão ocorre em espaços coletivos, como as



rodas de conversa à sombra das árvores e em muitos rituais que reforçam a identidade coletiva e a resistência cultural.

Nesse contexto, os conceitos de cultura e tradição podem ser analisados à luz dessas concepções apresentadas. Por exemplo, a interpretação de Geertz (1989) sobre cultura como um sistema de significados compartilhados pode ser aplicada à análise das práticas culturais e rituais dos Tingui-Botó, que expressam seus valores e visão de mundo.

Já a abordagem de Mello (1986) sobre tradições destaca como os rituais e a transmissão oral na comunidade Tingui-Botó fortalecem os laços sociais e preservam a identidade coletiva. Além disso, a ideia de Hobsbawm e Ranger (1997) sobre tradições e memória pode contribuir para a compreensão de como os Tingui-Botó, ao adaptar suas tradições ao contexto contemporâneo, constroem novas narrativas culturais sem perder a conexão com o passado.

Essas diferentes abordagens ajudam a oferecer uma visão mais profunda e crítica sobre a importância da cultura e das tradições na manutenção da identidade e na resistência cultural dos povos indígenas, especialmente no cenário brasileiro.

Dessa forma, ao manterem vivas suas tradições, os Tingui-Botó não preservam seu patrimônio cultural e reafirmam seu lugar na contemporaneidade, demonstrando que, embora se adaptem às novas demandas sociais e econômicas, sua essência cultural permanece intacta nas práticas e nos conhecimentos ancestrais.

Por outro lado, quando se trata da cultura e dos costumes indígenas, ainda persiste uma visão estereotipada e limitada, que associa esses povos unicamente a imagens romantizadas ou simplistas oriundas do senso comum, como indivíduos que dormem em ocas, caçam, pescam, andam nus e não falam a língua portuguesa. Essa percepção reducionista ignora a diversidade e a complexidade das culturas indígenas, reforçando preconceitos históricos que desconsideram as transformações e as adaptações dessas comunidades ao longo do tempo.

Silva (2020) destaca que, no contexto de Alagoas, o conhecimento sobre os povos indígenas, suas tradições culturais, histórias, rituais e, especialmente, a forma como a educação se organiza dentro dessas comunidades ainda é insuficiente. Muitas vezes, as informações disponíveis são fragmentadas e, em grande parte, narradas sob a perspectiva de não indígenas, o que pode distorcer ou minimizar a verdadeira essência das práticas culturais e sociais desses povos.



A história do povo indígena Tingui-Botó, em particular, vem sendo gradualmente revelada ao longo dos anos. Embora essa história já fosse contada desde a chegada de seus ancestrais ao território alagoano, é por meio das gerações mais jovens que se tem registrado e difundido sua cultura, crenças e, principalmente, suas lutas. Esse trabalho de preservação e divulgação cultural é essencial não apenas para os próprios indígenas, mas também para os não indígenas que, muitas vezes, desconhecem a continuidade e a resistência dessas culturas tradicionais na atualidade.

A falta de informação e o desconhecimento sobre as sociedades originárias frequentemente resultam em preconceito, discriminação e até mesmo em violência contra os indígenas. Muitas pessoas ainda acreditam que, por não viverem mais como nos séculos passados, os povos tradicionais não existem. Essa visão equivocada deslegitima a identidade indígena contemporânea que, embora adaptada, mantém vivas suas raízes e tradições. Nesse sentido, Souza (2012) destaca a importância das narrativas indígenas, pois, por meio delas, essas comunidades fortalecem seus lugares de fala e reafirmam suas conexões com a realidade em que vivem.

Seguindo essa mesma linha teórica, ressaltamos a concepção de Candido (1993) que, embora focado na literatura, discute a tradição como um elemento essencial na formação da cultura literária brasileira. Este pesquisador argumenta que as tradições literárias e culturais são fundamentais para criar uma identidade nacional e conectar o Brasil às suas raízes históricas e culturais. Já a visão de Ribeiro (1995) sobre a diversidade cultural pode ser utilizada para entender como a cultura Tingui-Botó se formou pela interação entre suas tradições ancestrais e o contexto social de Alagoas. DaMatta (1979) e Brandão (1986), ao abordarem as tradições e os rituais, oferecem uma base teórica para analisar como os rituais, as danças e as músicas dos Tingui-Botó reforçam sua identidade coletiva e conectam as novas gerações ao seu patrimônio cultural.

Até a década de 1980, os povos indígenas alagoanos não possuíam registros escritos produzidos por eles mesmos. Suas histórias eram transmitidas de forma oral, numa tradição em que os mais velhos compartilhavam conhecimentos e memórias com as gerações mais novas. Esse processo de transmissão oral permanece até os dias atuais, especialmente na comunidade Tingui-Botó. Contudo, com o acesso à educação formal, alguns membros da aldeia que



concluíram o Ensino Superior passaram a registrar suas histórias por escrito, contribuindo para levar a herança cultural de seu povo ao conhecimento do mundo exterior.

Essa prática reflete o orgulho da comunidade em manter suas tradições vivas e, sobretudo, em afirmar sua identidade indígena. De acordo com Amaro Hélio (2019, p. 144), “entendemos por índio aquele que se reconhece e é reconhecido como tal”. O termo “índio”, introduzido pelos europeus durante a colonização, carrega consigo uma carga pejorativa, associando os povos nativos a estereótipos como “atrasados” ou “selvagens”. Por isso, o uso do termo “indígena” é mais adequado, pois significa “aquele que pertence ao lugar” ou “originário do lugar” (Silva, 2020).

Conforme já expressamos na primeira seção teórica, a Terra Indígena Tingui-Botó, localizada no agreste alagoano, foi regularizada a partir da década de 1970, com expansão de suas áreas conquistadas nos anos 1980 e 2007. Com aproximadamente 530 hectares, a região apresenta uma relevância ecológica particular, situando-se na transição entre os biomas da Mata Atlântica e da Caatinga. A trajetória de conquista desse território remonta aos aldeamentos jesuítas formados na região do Baixo São Francisco, como o de Porto Real do Colégio, ainda no século XVIII.

Figura 1 - A aldeia



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).



Figura 2 – Comunidade Tingui-Botó



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Segundo Silva Júnior (2011), o processo de desapropriação das terras indígenas em Alagoas foi historicamente associado à tentativa de transformar esses povos em trabalhadores assalariados, especialmente após a extinção oficial dos aldeamentos pela presidência da província. Essa política ignorou os direitos indígenas à terra e promoveu a distribuição dessas terras a terceiros, tratando-as como devolutas e desconsiderando os laços ancestrais que as comunidades indígenas mantinham com esses territórios.

A aldeia Tingui-Botó se destaca como um local de convivência harmoniosa, onde os indígenas realizam atividades coletivas e cultivam o senso de comunidade. Segundo Silva (2017, p. 67), “as pessoas conversam, cantam, dançam e se socializam” em um ambiente seguro e acolhedor, onde a violência e os delitos são praticamente inexistentes.

Em 2010, a FUNASA registrou uma população de 326 habitantes na aldeia, evidenciando um crescimento significativo ao longo das últimas décadas. Esse aumento populacional está diretamente relacionado à melhoria nas condições de vida proporcionadas pelo acesso à terra e à estabilidade gerada pela prática da agricultura de subsistência.

A organização social da aldeia reflete os princípios tradicionais do povo Tingui-Botó, visto que as tarefas e as responsabilidades são distribuídas de acordo com a organização política e espiritual. O cacique, geralmente uma pessoa do gênero masculino, exerce a liderança política, enquanto o pajé atua nos aspectos espirituais e ritualísticos.

A cultura do povo Tingui-Botó é rica em manifestações artísticas e culturais, destacando-se a música, a dança e o artesanato. De acordo com Silva (2020), os sons tradicionais desempenham um papel fundamental na manutenção da identidade indígena em Alagoas, sendo utilizados tanto em cerimônias e rituais quanto no cotidiano. As danças tradicionais, por sua vez,



garantem a transmissão dos saberes ancestrais para as futuras gerações, perpetuando a herança cultural e fortalecendo o senso de pertencimento comunitário.

Além disso, o artesanato ocupa um espaço central na cultura Tingui-Botó, não apenas como fonte de renda, mas também como uma forma de expressar a memória cultural e os conhecimentos tradicionais. De acordo com Aguiar Júnior *et al.* (2019), a produção artesanal se alia à prática agrícola, como na cultura da mandioca, evidenciando o diálogo entre os saberes tradicionais e as práticas cotidianas.

Figura 3 - Cultura da mandioca



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 4 - Início do trabalho artesanal



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).



Figura 5 - Produção do artesanal



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 6 - Peças artesanais



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

As festas tradicionais e os rituais espirituais do povo Tingui-Botó são momentos de reafirmação cultural e fortalecimento da espiritualidade. Ferreira (2016) destaca o ritual Ouricuri como um exemplo significativo, momento este em que a comunidade se reúne para celebrar e fortalecer os laços sociais e espirituais. Essas práticas são fundamentais para a manutenção da identidade étnica e para o cuidado com o território, integrando cultura, espiritualidade e meio ambiente. Além disso, conforme Peixoto e Campos (2020), os rituais espirituais incluem práticas curativas que combinam conhecimentos ancestrais e cuidados com a saúde, demonstrando como a espiritualidade permeia o cotidiano da comunidade e orienta suas práticas de cura e bem-estar.

A língua e a transmissão de conhecimentos tradicionais são pilares da cultura Tingui-Botó. Luiz (2019) explora a educação escolar indígena como uma estratégia para preservar a língua ancestral e garantir que os saberes tradicionais sejam passados para as novas gerações. A



educação comunitária, alinhada aos valores culturais, promove o fortalecimento da identidade e a resistência cultural frente aos desafios da modernidade.

Figura 7 - Cultura agrícola ancestral



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 8: Cultura agrícola - novas gerações



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Cornejo (2020) reflete acerca da importância do reconhecimento do patrimônio cultural imaterial, incluindo a língua e os saberes tradicionais, evidenciando os desafios para garantir que esses conhecimentos continuem sendo valorizados e transmitidos dentro e fora da comunidade. Nessa perspectiva, a cultura do povo Tingui-Botó revela uma profunda conexão entre identidade, espiritualidade e práticas cotidianas, evidenciando a riqueza e a resiliência de suas tradições. Por meio de suas manifestações artísticas, rituais espirituais, práticas agrícolas e educativas, essa comunidade mantém viva a sua herança cultural, reafirmando seu lugar na sociedade contemporânea sem renunciar seus valores ancestrais.



4 VOZES TINGUI-BOTÓ: PERSPECTIVAS CULTURAIS, SOCIAIS E ESPIRITUAIS DA COMUNIDADE

Esta seção aborda as percepções e vozes do povo Tinguí-Botó a partir das respostas fornecidas por diferentes representantes da comunidade, incluindo anciões, pajé, professores, líderes comunitários, jovens e artistas. As respostas foram coletadas de maneira informal, por meio de uma roda de conversa, a qual foi organizada a partir de um questionário estruturado em seis temáticas principais: identidade e história, cultura e tradições, espiritualidade e crenças, território e sustentabilidade, educação e transmissão de conhecimentos e direitos e desafios atuais, conforme veremos a seguir.

4.1 OUVINDO O POVO: CAMINHOS PARA A COLETA DE DADOS

4.1.1 Identidade e história: memória e resistência ancestral

Neste primeiro bloco da roda e conversa com os indígenas, os anciões da comunidade Tinguí-Botó trazem à tona as memórias dos anciões da comunidade. As narrativas coletadas revelam como o legado do pajé José Botó e a simbologia da árvore Tinguí perpetuam o elo entre o povo, o território e a ancestralidade. Para esse povo, o nome da comunidade carrega o legado do pajé José Botó e reforça o espaço ocupado por eles e suas questões identitárias. As histórias compartilhadas pelos mais velhos revelam um passado de resistência e de luta pela terra, marcado pela sobrevivência em um cenário de exploração e de discriminação.

Segundo os anciões, a criação da aldeia foi uma conquista, pois o povo finalmente pôde reconstituir práticas culturais, como a caça e o manejo sustentável da terra. A simbologia da árvore Tinguí e do pajé fundador expressa a continuidade das tradições e o fortalecimento da identidade indígena diante das adversidades sociais e políticas.

4.1.2 Cultura e tradições: manifestações artísticas e legado cultural

No segundo bloco temático, os artistas da dança, música e artesanato destacaram celebrações, como o ritual do Toré e o dia 19 de abril, e ressaltaram que estes são momentos



essenciais para a manutenção da cultura Tingui-Botó. As expressões artísticas, especialmente o artesanato com palha e as músicas tradicionais reforçam o senso de pertencimento e servem como instrumentos de resistência cultural. As dificuldades enfrentadas, principalmente a falta de reconhecimento por parte da sociedade não indígena, reforçam a importância de iniciativas que valorizem e promovam o patrimônio imaterial da comunidade.

4.1.3 Espiritualidade e crenças: conexão com a natureza e papel das lideranças

A espiritualidade permeia o cotidiano do povo Tingui-Botó, conforme destacado pelo pajé, cacique e outras lideranças. A prática espiritual se manifesta no ritual do Ouricuri e no dom de cura, que conecta a comunidade com as forças da natureza. As lideranças, incluindo o pajé e os benzedeiros, têm a responsabilidade de orientar espiritual e politicamente a comunidade. As decisões são tomadas de forma coletiva, em reuniões que reforçam a coesão social e o respeito às tradições. Mesmo coexistindo com influências externas, como o catolicismo, o povo mantém viva a espiritualidade indígena, demonstrando a adaptabilidade a novas situações, mas sem a perda da essência cultural.

4.1.4 Território e sustentabilidade: a luta pela terra e o uso sustentável dos recursos

Nesse momento da nossa roda de conversa, observamos que a importância do território tradicional para o povo Tingui-Botó vai além do sustento físico; ele representa a base de sua identidade e cultura. As práticas agrícolas e o manejo sustentável garantem a subsistência, enquanto o uso de plantas medicinais, como a Jurema e a quina-quina, reforça o conhecimento ancestral. As lideranças ressaltam os desafios impostos por fazendeiros e pela convivência com não indígenas, que ameaçam o equilíbrio ecológico e cultural da aldeia. A resiliência da comunidade diante dessas pressões é um testemunho da relação harmoniosa que eles mantêm com a terra.



4.1.5 Educação e transmissão de conhecimentos: fortalecimento da identidade pela escola

Os professores que falaram nesse momento destacam a educação como uma ferramenta crucial para a preservação da cultura Tingui-Botó. As escolas locais, aliadas aos projetos culturais e às rodas de conversa com os anciões, promovem o aprendizado da língua materna e o fortalecimento das tradições. A literatura indígena, as palestras e os encontros são estratégias utilizadas para garantir que os conhecimentos tradicionais sejam transmitidos de geração em geração. Nesse contexto, a educação não apenas oferece acesso ao conhecimento formal, mas também atua como resistência cultural frente aos desafios impostos pela modernidade e pela sociedade não indígena.

4.1.6 Direitos e desafios atuais: o futuro da cultura Tingui-Botó

No último bloco temático de nossa roda de conversa com os Tingui-Botó, as vozes dos jovens e anciões convergiram para expressar a preocupação com o futuro da cultura e da comunidade. A discriminação persistente e a falta de apoio efetivo das políticas públicas geram incertezas sobre a continuidade das tradições. Apesar disso, a comunidade encontra suporte em organizações como a FUNAI e o SESI. A mensagem deixada para as futuras gerações é de resiliência: “Que eles não desistam de lutar e deem continuidade a todo trabalho que nossos ancestrais nos confiaram”. A percepção de que ser Tingui-Botó no mundo atual significa força, luta e resistência reafirma o compromisso da comunidade com a preservação de sua identidade.

4.2 DAS VOZES AOS SIGNIFICADOS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS DADOS

Após ouvir as vozes do povo Tingui-Botó, apresentamos agora uma visão geral de nossa análise construída a partir do que ouvimos. A seção *Identidade e história: memória e resistência ancestral* destaca a importância da memória coletiva e da resistência cultural na construção da identidade do povo Tingui-Botó. Por meio das vozes dos anciões, emerge uma narrativa que não apenas preserva o legado histórico, mas também reafirma a relação intrínseca entre o território e a ancestralidade. O nome da comunidade, uma homenagem ao pajé José Botó e a simbologia da



árvore Tingui ilustram como a cultura se manifesta de forma concreta e simbólica, reforçando o pertencimento e a continuidade das tradições ao longo das gerações.

A cultura, entendida como o conjunto de práticas, saberes e valores compartilhados pela comunidade, revela-se na maneira como o povo Tingui-Botó transforma a memória em ação. As histórias de resistência, relatadas pelos mais velhos, não apenas resgatam o passado, mas também orientam as práticas cotidianas, como a caça e o manejo sustentável da terra. Esse movimento de ressignificação cultural demonstra a capacidade da comunidade de adaptar-se às novas realidades sem perder a essência de sua tradição.

A tradição, nesse contexto, assume um papel ativo e dinâmico. Não se trata apenas de manter costumes antigos, mas de fortalecer a identidade indígena em um cenário marcado pela exploração, discriminação e exclusão social. A construção da aldeia como espaço de autonomia cultural e territorial é um exemplo concreto de como a tradição pode ser um instrumento de resistência. Ao recriar suas práticas culturais no próprio território, o povo Tingui-Botó perpetua seus costumes e reivindica seu lugar na sociedade contemporânea, reafirmando-se como um “povo forte” que não se envergonha de suas raízes.

A relação entre memória, cultura e tradição se torna, portanto, um eixo central na narrativa do povo Tingui-Botó. A partir das histórias transmitidas de geração em geração, a comunidade mantém viva a sua identidade e reforça o sentido de pertencimento coletivo. Mais do que preservar o passado, os ancestrais da comunidade atuam como guardiões de uma memória que projeta o futuro, inspirando as novas gerações a seguirem os passos de resistência e orgulho cultural, fundamentais para a continuidade do legado Tingui-Botó.

A partir das respostas obtidas no bloco de perguntas da seção *Cultura e tradições: manifestações artísticas e legado cultural*, observamos o papel central das práticas culturais na construção e preservação da identidade do povo Tingui-Botó. As expressões artísticas, como a dança, a música e o artesanato, não apenas fortalecem o senso de pertencimento, mas também atuam como instrumentos de resistência cultural diante dos desafios impostos pela sociedade não indígena. Essa dinâmica reflete uma cultura viva, na qual cada ritual e cada celebração, como o dia 19 de abril, torna-se uma reafirmação do legado ancestral e uma resposta às tentativas de apagamento cultural.

A cultura, entendida como o conjunto de práticas simbólicas e sociais de um povo, manifesta-se nas criações artísticas da comunidade. O artesanato em palha, por exemplo, vai além



de sua funcionalidade prática; ele carrega memórias, histórias e saberes ancestrais, transmitidos de geração em geração. A música e a dança, por sua vez, conectam o presente ao passado, resgatando sonoridades e movimentos que remetem aos antepassados, reforçando a coesão social e espiritual da comunidade.

Entretanto, as dificuldades enfrentadas pelo povo Tingui-Botó, especialmente a falta de reconhecimento por parte da sociedade externa, evidenciam a necessidade de políticas e iniciativas que promovam a valorização do patrimônio imaterial indígena. A resistência cultural, nesse contexto, surge como uma resposta ativa e criativa às adversidades, haja vista que cada expressão artística se torna uma voz que clama pelo reconhecimento e pela continuidade das tradições.

A tradição, portanto, não se apresenta de forma estática. Pelo contrário, é continuamente reconstruída nas práticas culturais diárias da comunidade. Ao transformar a arte em resistência, o povo Tingui-Botó preserva suas raízes e reescreve sua história no cenário contemporâneo, mostrando que as tradições indígenas são fundamentais para a diversidade e riqueza cultural do Brasil. O legado cultural deixado pelos artistas, dançarinos e artes da comunidade se torna, assim, uma ponte entre o passado e o futuro, garantindo que as novas gerações possam crescer conectadas às suas origens e orgulhosas de sua identidade indígena.

Quanto ao quesito *Espiritualidade e crenças: conexão com a natureza e papel das lideranças*, destacamos que a espiritualidade do povo Tingui-Botó representa um dos pilares fundamentais para a manutenção de sua cultura e tradição, refletindo uma profunda conexão com a natureza e uma organização social pautada no respeito às lideranças espirituais. Conforme evidenciado nas respostas recebidas, a prática espiritual na comunidade se materializa especialmente no ritual do Ouricuri e no dom de cura, práticas que não apenas fortalecem os laços comunitários, mas também garantem a continuidade dos saberes ancestrais.

A relação entre espiritualidade, cultura e tradição entre os Tingui-Botó pode ser compreendida pela perspectiva de que a espiritualidade não se restringe ao campo do sagrado, mas permeia o cotidiano da comunidade. O pajé e os benzedeiros, figuras centrais na orientação espiritual e política, exercem um papel de mediadores entre o mundo físico e espiritual, promovendo a cura e o bem-estar social. Essa dinâmica reflete o conceito antropológico de cultura como um sistema complexo de significados e práticas, no qual a espiritualidade funciona como uma linguagem simbólica que conecta os indivíduos à sua história e à identidade coletiva.



Além disso, a forma coletiva com que as decisões são tomadas na comunidade, por meio de reuniões que reforçam a coesão social, exemplifica como a tradição se mantém viva através da participação comunitária. A tradição, nesse contexto, vai além de um simples resgate do passado, trata-se de uma prática ativa de adaptação e resistência. Mesmo diante das influências externas, como o catolicismo, o povo Tingui-Botó demonstra uma habilidade notável de integrar novos elementos culturais sem perder a essência de sua espiritualidade indígena. Essa adaptabilidade é, na verdade, uma estratégia cultural de resiliência, na qual uma tradição não é apenas preservada, mas reinterpretada à luz das novas realidades sociais.

Portanto, a espiritualidade do povo Tingui-Botó deve ser compreendida como uma expressão viva de sua cultura e tradição. Ao mesmo tempo em que preserva os rituais sagrados e as práticas ancestrais, a comunidade também constrói novas formas de existência no mundo contemporâneo, reafirmando sua identidade e reforçando o valor das lideranças espirituais como guias nesse processo contínuo de construção cultural.

A seção *Território e sustentabilidade: a luta pela terra e o uso sustentável dos recursos* destaca a profunda relação do povo Tingui-Botó com seu território, evidenciando como a terra não é apenas um espaço físico, mas sim um componente essencial de sua cultura e identidade. Para essa comunidade, o território tradicional representa a continuidade de sua existência como povo, sendo palco onde práticas culturais, espirituais e econômicas se entrelaçam, reforçando o senso de pertencimento e a conexão com os ancestrais.

A cultura do povo Tingui-Botó se expressa nas práticas agrícolas e no manejo sustentável dos recursos naturais. O cultivo de alimentos e o uso de plantas medicinais, como a Jurema e a quina-quina, não apenas garantem a subsistência da comunidade, mas também preservam o conhecimento ancestral. Esse saber tradicional, transmitido de geração em geração, reforça a tradição como um processo dinâmico, no qual as práticas antigas encontram novos significados no contexto atual. O uso sustentável da terra é, portanto, uma expressão da cultura Tingui-Botó, na qual a natureza é vista como um ser vivo, digna de respeito e de cuidado.

Entretanto, os desafios enfrentados pela comunidade, especialmente devido à pressão de fazendeiros e à convivência com pessoas não indígenas, ameaçam tanto o equilíbrio ecológico quanto o aspecto cultural da aldeia. Essa realidade reforça a importância da resistência cultural e, por isso, a defesa do território se torna uma defesa da própria cultura e da identidade desse povo. Para os Tingui-Botó, proteger a terra é proteger a história, as tradições e o futuro da



comunidade. As lideranças indígenas desempenham um papel crucial nesse processo, pois promove a sustentabilidade como um valor fundamental.

A relação harmoniosa que o povo Tinguí-Botó mantém com seu território é um exemplo concreto de como a cultura e a sustentabilidade podem caminhar juntas. A prática do manejo sustentável não é apenas uma estratégia de sobrevivência, mas também uma manifestação cultural que expressa o respeito à natureza e o compromisso com as futuras gerações. Dessa forma, a luta pela terra ultrapassa a dimensão material, alcançando uma dimensão simbólica e espiritual, na qual cada árvore, planta medicinal e rio carregam significados profundos, conectando o presente ao passado e projetando um futuro de resistência e renovação cultural.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, as respostas obtidas no bloco de perguntas sobre *Educação e transmissão de conhecimentos: fortalecimento da identidade pela escola* evidenciam o papel transformador da educação na preservação da cultura e das tradições do povo Tinguí-Botó. Para essa comunidade, a escola ultrapassa também um espaço de aprendizado formal, tornando-se um importante veículo de resistência cultural e de valorização da identidade indígena. Por meio das aulas, projetos culturais e rodas de conversa com os anciões, a educação promove o contato direto dos jovens com a língua materna e com os saberes ancestrais, reforçando a continuidade das tradições e fortalecendo o senso de pertencimento.

A cultura, entendida como o conjunto de práticas, valores e conhecimentos transmitidos dentro da comunidade, encontra na educação um meio eficiente para se perpetuar. As estratégias adotadas, como a literatura indígena, as palestras e os encontros culturais, não apenas educam, mas também sensibilizaram os mais jovens sobre a importância de suas raízes. Ao ouvir as histórias contadas pelos mais velhos e ao participar das práticas culturais, os estudantes aprendem a valorizar e a defender sua herança cultural diante das influências externas.

Nesse sentido, a tradição não se apresenta como algo estático, mas sim como um processo contínuo de aprendizagem e adaptação. A educação fornece ferramentas aos jovens, as quais são utilizadas para a reinterpretação de suas tradições à luz do mundo contemporâneo, garantindo que o conhecimento tradicional permaneça vivo e relevante. Além disso, o ambiente escolar promove o diálogo intercultural, permitindo que o povo Tinguí-Botó conheça e compreenda melhor os códigos da sociedade não indígena, ao mesmo tempo em que fortalece sua própria identidade.



A resistência cultural, portanto, é um dos principais frutos dessa educação externa para a valorização das tradições indígenas. Em um contexto em que a modernidade, muitas vezes, tenta homogeneizar as culturas, a escola se transforma em um espaço de proteção e promoção da diversidade cultural. Os professores, ao atuarem como mediadores desse processo, tornam-se agentes de transformação social, auxiliando na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde as vozes indígenas sejam ouvidas, respeitadas e celebradas.

Dessa forma, a educação, no contexto da comunidade Tingui-Botó, representa mais do que o acesso ao conhecimento formal, ela simboliza a continuidade da memória coletiva, o empoderamento das novas gerações e a reafirmação do indígena como um valor inestimável na construção de um futuro de resistência, orgulho e pertencimento.

A análise do último bloco *Direitos e desafios atuais: o futuro da cultura tingui-botó* apresenta uma reflexão profunda sobre as incertezas e esperanças que permeiam a comunidade indígena diante das adversidades contemporâneas. As vozes dos jovens e dos anciões revelam uma preocupação com a continuidade das tradições e da cultura Tingui-Botó, especialmente diante da persistente discriminação e da fragilidade das políticas públicas externas aos povos originários. No entanto, a mensagem de resiliência transmitida à nova geração demonstra a força e o compromisso da comunidade em manter viva a sua identidade cultural, mesmo frente aos desafios dos impostos pela sociedade não indígena.

A cultura, compreendida como um sistema de significados, práticas e valores, vê-se constantemente ameaçada pela falta de reconhecimento e apoio governamental. Para o povo Tingui-Botó, a cultura não é apenas um patrimônio imaterial, mas uma maneira de existir e resistir. A ausência de políticas públicas efetivas se torna um obstáculo na luta pela preservação das tradições, evidenciando a importância do apoio oferecido por organizações como a FUNAI e o SESI. Essas parcerias externas, embora valiosas, não substituem a necessidade de um comprometimento mais amplo do Estado na garantia dos direitos indígenas, especialmente no que se refere à terra, à educação e à saúde.

A tradição, nesse contexto, assume um papel central na resistência cultural da comunidade. A orientação dos ancestrais para que os jovens “não desistam de lutar” reforça a continuidade de um legado histórico de luta e de perseverança. Ao transmitir essa mensagem, os mais velhos compartilham seu conhecimento e cultivam o espírito de resistência nas novas



gerações. Ser Tingui-Botó, portanto, transcende uma identidade étnica, tornando-se um ato político de afirmação e defesa dos direitos indígenas.

A percepção de que “força, luta e resistência” definem o ser Tingui-Botó no mundo atual e reflete a capacidade da comunidade de reinterpretar suas tradições à luz das novas realidades. Essa adaptabilidade cultural permite que os Tingui-Botó naveguem pelas complexidades do mundo moderno sem perder o vínculo com suas raízes. A mensagem deixada para as futuras gerações não é apenas um conselho, mas um chamado à ação, incentivando os jovens a se tornarem guardiões da cultura e a manterem viva a memória ancestral.

Assim, as respostas dadas evidenciam que o futuro da cultura Tingui-Botó depende diretamente da resiliência de seu povo e do reconhecimento social e institucional de sua importância para a diversidade cultural do Brasil. A luta pela preservação da identidade indígena não é apenas uma causa local, mas um movimento que reforça a pluralidade cultural do país, valorizando as vozes que, apesar de muitas vezes silenciadas pela história, continuam a ecoar força, luta e resistência.

A análise das respostas fornecidas pelos diferentes representantes do povo Tingui-Botó revela uma comunidade que, apesar das adversidades, mantém viva sua cultura, espiritualidade e tradições. As vozes indígenas expressam um legado histórico de resistência e uma esperança renovada de que as próximas gerações continuem a carregar o bastão da identidade Tingui-Botó. Ao valorizar essas perspectivas, o presente trabalho contribui para o fortalecimento da diversidade cultural no Brasil, promovendo o reconhecimento e o respeito aos direitos dos povos originários.

5 CONCLUSÃO

A trajetória histórica do povo Tingui-Botó evidencia uma comunidade que, apesar das adversidades históricas e contemporâneas, mantém viva sua cultura, espiritualidade e tradições. As vozes indígenas, expressas nas rodas de conversas realizadas, demonstram um legado de resistência e uma esperança renovada de que as próximas gerações continuem a carregar o complemento da identidade Tingui-Botó. A luta pela terra, pela preservação cultural e pela valorização da identidade indígena são temas centrais na narrativa desse povo, que se reinventam e ressignificam suas tradições à luz das novas realidades sociais.



Os resultados da pesquisa reforçam que o território tradicional desempenha um papel fundamental na manutenção da cultura Tingui-Botó, sendo o espaço onde práticas culturais, espirituais e econômicas se entrelaçam. A educação e a transmissão de conhecimentos tradicionais surgem como ferramentas essenciais para o fortalecimento da identidade e para a resistência cultural frente aos desafios impostos pela sociedade não indígena. A espiritualidade, expressa nos rituais como o Ouricuri, também se destaca como um elemento de conexão com a natureza e de reforço da coesão social.

A partir desse contexto, ressaltamos que a valorização da diversidade cultural indígena não apenas contribui para o fortalecimento da identidade do povo Tingui-Botó, mas também amplia a compreensão sobre a importância dos povos tradicionais na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. É fundamental que o poder público e a sociedade civil ampliem o apoio às comunidades indígenas, promovendo políticas que garantam o respeito aos direitos territoriais e culturais desses povos. Os Tingui-Botó, com sua história de força, luta e resistência, conforme apresentado nesta pesquisa, reafirmam o protagonismo indígena na construção do Brasil contemporâneo, mostrando que as tradições ancestrais seguem vivas e pulsantes na contemporaneidade.



REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Narrativas sobre povos indígenas na Amazônia**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49075>. Acesso em: 4 jan. 2025.

AGUIAR JÚNIOR, Paulo Willkasom L.; SANTOS, Rosiane dos; FONSECA, Simone Silva da; BARROS, José da Silva. Os saberes matemáticos na cultura da batata-doce na aldeia indígena Tingui-Botó/AL. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2019.

ANTUNES, Clóvis. **Tingui-Botó: uma etnografia**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1998.

BOLETIM INFORMATIVO. Gestão Ambiental e Sustentabilidade nas Terras Indígenas da Caatinga – TI Tingui-Botó. **Boletim Informativo CGGAM n. 03**. FUNAI, 2019. Disponível em: gov.br.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. **Relatório de Gestão 2010**. Elaborado por Coordenação Geral de Planejamento e Avaliação CGPLA/DIREX. Brasília: Ministério da Saúde: Fundação Nacional da Saúde, 2011.

BRASIL. **FPI visita povo Tingui-Botó: um encontro de memória, preservação e luta por direitos**. Ministério Público Federal em Alagoas, 29 de novembro de 2024. Disponível em: mpf.mp.br.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. (Original de 1959).

CORNEJO, Joelma Farias Silva de. **O patrimônio como campo de disputa: Serra da Barriga e a fragmentação dos instrumentos de reconhecimento de bens culturais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Joelma-Versao_Final.pdf. Acesso em: 4 jan. 2025.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

FERREIRA, Ana Laura Loureiro. **Luta, Suor e Terra: campesinato e etnicidade nas trajetórias do povo indígena Tingui-Botó e comunidade quilombola Guaxinim (AL)**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomás Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terêncio (Orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povo Tingui-Botó**. Disponível em: pib.socioambiental.org. Acesso em: 26 fev. 2025.

LUIZ, Edvaldo. **A educação escolar indígena entre os Tingui-Botós**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2019.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Tradição e Modernidade no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1982.

PEIXOTO, José Adelson Lopes; CAMPOS, Marcelo de. Cura, cultura e identidade étnica: (re)leitura das práticas curativas dos indígenas Tingui-Botó em Alagoas. In: **Anais do I Encontro Internacional de História do Sertão**, 2020.

REPORTE POPULAR. **Saúde e resistência**: reativando o viveiro de farmácia viva do povo Tingui-Botó. Repórter Popular, 2019. Disponível em: reporterpopular.com.br

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Fernanda Andrade. **Os sons Tingui-Botó**: cultura e identidade indígena em Alagoas. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2020.

SILVA, Adriano Cabral. **Fazendo uma Etnografia Visual entre os Tingui-Botó** – (AL). Monografia. Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2017.

SILVA, Amaro Hélio Leite da. Proletarização indígena no alto sertão de Alagoas. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Índios de Alagoas**: trabalho, religião e política – Arapiraca/EDUNEAL, 2019.

DECLARAÇÃO

CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, ISSN 1988-7833, declara para os devidos fins, que o artigo intitulado SAEB em Wassu Cocal: uma análise crítica do sistema nacional de avaliação na Escola Estadual Indígena José Máximo de Oliveira de autoria de Itamires Oliveira dos Santos, Maria Betânia da Rocha de Oliveira, foi publicado no v.18, n.3, de 2025.

A revista é on-line, e os artigos podem ser encontrados ao acessar o link:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/issue/view/53>

DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.18n.3-233>

Por ser a expressão da verdade, firmamos a presente declaração.

Curitiba, 20 março 2025.

Equipe Editorial

